



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
 Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metropolitano
 Ano, 40\$00 e 17\$500 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
 Ano, 45\$00 e 110\$000 — — — — — Ultramar e Ilhas
 Anos, 20\$00 e 100\$000 — — — — — Brasil
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
 Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do
 Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 13 DE FEVEREIRO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

No 54.º Aniversário de «O BARCELENSE»

Com o presente número comemora o jornal «O Barcelense» mais um aniversário, um ano de vida, continuando a sua marcha, rumo ao futuro, ao amanhã, lutando sempre, batalhando infatigavelmente pela integridade da Pátria em primeiro lugar, porque compreendemos os problemas dos nossos Maiores perante uma guerra que nos é imposta, que temos de aguentar e ganhar; pelo progresso de Barcelos, por esta Terra nobre e bela, cheia de encantos naturais, possuidora de história, de homens célebres, de gente simples, honrada e laboriosa; pelo nosso grande, vasto e pobre concelho, constituído por 89 freguesias, todas tão diferentes, tão ricas de costumes, tão próprias nos seus hábitos, que cada uma é rincão maravilhoso no mais belo jardim; pelas instituições desta terra, fadadas para morrerem ao nascer ou deixarem-se contagiar pelos ventos que sopram de oeste.

Tem, realmente, este Jornal lutado por tudo quanto diga respeito a Barcelos, não se importando com susceptibilidades, com amizades mesmo, porque acima do coração está o dever, pelo que desempenha com honra um caminho traçado há muito, seguido sem vacilar, arrostando com dificuldades, lutando com forças muitas vezes superiores àquelas que humanamente são exigidas. De tudo, desta batalha sem quartel nem fim, há algo que nos compensa e enche de júbilo: não estamos sós, temos a razão pelo nosso lado.

(Continua na página 10)

Felicitando

Meu Caro Rogério:

É com a maior satisfação que o felicito pela passagem do 1.º Aniversário de «O Barcelense» sob a sua direcção.

A forma como tem orientado o jornal garantiu-lhe a admiração de todos os assinantes a quem não passa ignorado o esforço desenvolvido para elevar o Semanário ao nível em que presentemente se encontra.

Que continue a mesma conduta, não desanimando sejam quais forem as dificuldades com que depare, é o que lhe pede o amigo dedicado,

Manuel Alves do Vale Lima

PARABÉNS

Pró Jornal «O BARCELENSE»
 Meus parabéns aqui vão,
 Por mais um ano contar
 De assídua publicação.

Um ano que bem podemos
 Dizê-lo em prol de Barcelos,
 Pois demais são conhecidos
 Pela Terra seus desvelos.

É essa dedicação,
 Desde sempre demonstrada,
 Que na defesa do Berço
 O coloca na vanguarda,

E me leva a aqui prestar-lhe,
 Sem qualquer constrangimento,
 De barcelense mui grato,
 Sincero agradecimento.

Lx. Fev. 1965

A. Marques de Azevedo

Relembrar um Homem é perpetuar o seu nome

Ontem teria completado 76 anos de vida o nosso querido e saudoso Director, Sr. Rogério Calás Cândido de Carvalho, homem íntegro, cem por cento bairrista, lutador infatigável, uma pessoa que não se esquece tão depressa porque constituía um exemplo digno de homem de carácter, nada comparado com alguns fantoches que existem por todos os cantos e esquinas das ruas. Elevou-se pela sua conduta, nunca se vergando a conveniências nem interesses, porque a sua rectidão era tida como símbolo duma vida, toda-via cheia de sacrifícios, porque nunca se «vendeu», como muitas vezes hoje acontece, mas por isso mesmo edificante o seu jornalismo sério e isento.

A sua memória é muito querida para nós que o compreendemos como ninguém, para nós — Rogério Calás de Carvalho — será sempre o timoneiro do seu Jornal e pelo menos nele o seu nome será lido em todos os continentes e lembrado como Homem Bom de Barcelos dos nossos dias.

Assembleia Geral do Banco Pinto & Sotto Mayor

Presidida pelo Sr. Prof. Doutor Afonso Rodrigues Queiró realizou-se, na sua sede, a Assembleia Geral Ordinária do Banco Pinto & Sotto Mayor, convocada para apreciação e votação do relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e respectivo parecer do Conselho Fiscal, documentos claros e bem elaborados, verificando-se pela sua análise que os depósitos atingiram 5.655.791 contos, mais 1.440.028 contos do que no balanço do ano anterior; também a carteira comercial acusa a verba de 3.972.421 contos, mais 1.127.689 contos do que em 1963, e os resultados elevaram-se a 51.817 contos, quando no ano transacto tinham atingido 35.868 contos.

Estes números são na sua simples eloquência testemunho evidente não só de uma criteriosa e inteligente administração, como do grande progresso do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Aberta a sessão o Sr. Dr. Fernão de Ornellas, Administrador-Delegado daquela instituição de crédito, pedindo a palavra, disse:

«Para V. Ex.ª Senhor Presidente, as minhas saudações com a afirmação

(Continua na página 8)

No seu aniversário, no dia dos seus anos, ajoelhamos e pedimos a Deus que o nosso saudoso Director viva no Céu, junto de Si, para que possa interceder por aqueles que se esforçam por levar «O Barcelense» sempre de «vento em popa».



Decisão Salutar

«O Barcelense», velho e intemerato Semanário Regionalista, que encima o lema «Por Portugal — Por Barcelos», esteve em perigo de vida.

Com o falecimento do seu antigo Director, — espírito forte, impoluto e firme na defesa da Dona do Cávado contra os detractores, os derrotistas, que nada fazem, nem querem deixar fazer —, ficou sem governo, qual barco sem leme.

Não havia timoneiro sabedor e hábil como aquele que a terrível Parca, tão cruelmente, ceifou. E os inimigos de sempre, achando oportuníssima, para os seus desígnios, a fatalidade que se deu, lançaram-se, decidida e entusiasticamente, na luta surda, de disfarce, de insidia, de intriga, traiçoeira, a fim de o ferirem de morte.

Um jovem, porém, pobre de experiência da vida e muito mais de conhecimentos da técnica dum jornal, mas rico de força de vontade, de energia, de decisão, e de ideal na defesa da causa nobre de «O Barcelense», herdada de seu pai, com que aqueles não contaram, lançou-se na direcção do barco já à deriva, ao sabor da tempestade, para o não deixar naufragar.

A despeito de mil dificuldades e canseiras, lutando, de noite e de dia, contra «Eolo» e o mar encapelado dos interesses mesquinhos, inconfessáveis, conseguiu, embora com enorme labor e sacrifício, fazê-lo singrar de novo, dando-lhe a mesma rota de Regionalismo Puro que lhe havia traçado o seu antigo timoneiro.

E agora «O Barcelense» lá vai vogando em mar de bonança, seguro, outra vez, de si e do seu destino glorioso em prol de Barcelos.

Por isso, é com redobrado júbilo que o felicito, efusiva e duplamente, na pessoa do seu novel, ilustre e já proficiente Director,

11 Lustros a Servir!

É difícil fazer História. Mais difícil ainda fazer Verdade. Fazer jornalismo é fazer História de Verdade que, se a uns agrada a outros repele. Missão árdua e espinhosa, tanto mais ingrata quanto é certo que hoje, para se viver, é preciso saber mentir. Mentir e camuflar a verdade são as grandes armas que o BON VIVANT maneja para se insinuar e criar adeptos. Quando o jornalista é puro e decide cortar a direito, doa a quem doer, porque o preciso é pugnar pela Verdade e pela Justiça, dificilmente pode singrar.

Mas não importa. Nas grandes pelejas é que surgem heróis. «O BARCELENSE» tem continuado, há mais de meio século, a pugnar pelas grandes causas, úteis ao povo de Barcelos. Felizmente que os milhares de assinantes continuam a dar-lhe incondicional apoio, numa inequívoca e calorosa demonstração de aplauso.

Que Deus continue a dar-lhe força para que «caiam mil à direita e dois mil à esquerda» mas que «O Barcelense» e os altos princípios que ele defende, continuem de pé.

Quando S. S. Paulo VI deu recentemente, em Bombaim, uma conferência de imprensa aos jornalistas, foi com voz angustiosa que disse:

«Nós trazemos uma mensagem muito especial para vos confiar, jornalistas de todo o mundo. Possam as nações cessar a corrida aos armamentos e consagrar, em contrapartida,

COISAS DA NOSSA TERRA

por Simplicio de Sousa

Razões alheias à minha vontade, não me têm permitido dar a colaboração certa a «O Barcelense», como durante alguns números fiz.

Os meus estimados leitores e amigos que me perdoem, pois breve espero poder voltar com mais persistência, focando Coisas da Nossa Terra.

Mas, porque se trata de uma festa, eu, humilde colaborador de «O Barcelense», não podia faltar, assinalando aqui o regosijo de

(Continua na página 8)

tida, as suas criações de ciência e energias à assistência fraternal aos povos».

E noutra parte:

«Se forem aceites e aplicados os ensinamentos sociais do Cristianismo há verdadeiramente que ter esperança na chegada duma sociedade mais justa e mais fraternal, mais sensível às necessidades e às aspirações da terra a que pertencemos».

Tais são as directrizes a que um jornal católico e regionalista deve obedecer: pugnar pela elevação moral e social da sua terra, ajudando a construir uma sociedade mais perfeita e mais justa!

Ao entrarmos no 55.º aniversário de «O Barcelense» felicitamos o seu jovem Director, pedindo a Deus que o ajude a singrar heróicamente na rota traçada pelo seu saudoso Pai continuando a lutar, para fazer mais e melhor, POR PORTUGAL POR BARCELOS!

E. L.

Aziúmes dum homem de mau humor

por Falcão Machado

A tentativa de atentado ao pudor daquela senhora professora dum liceu do litoral norteño, foi devidamente punida por tribunal competente.

Mas, faltou, ali, qualquer coisa: a intervenção do Reitor do estabelecimento, como parte do processo.

Aquela senhora saiu de sua casa, a caminho do local onde trabalha e, quando esperava uma colega, para irem, juntas, de automóvel, foi vítima da perversidade duns tipos ignóbeis. Mas, o que ela era, é um oficial público no exercício das suas funções, pois tal tem sido a prática dos tribunais portugueses, em relação aos trabalhadores, que se dirigem para as fábricas, ou, delas, recolhem a casa.

Como oficial público no exercício das suas funções, competia à autoridade hierárquica superior garantir-lhe as condições de segurança, normais em países civilizados, interferindo como parte no processo, para que o energúmeno ficasse a saber

(Continua na página 10)

NOTAS DA SEMANA

DEVER E ALTRUISMO

Julgar é faculdade de Deus. Só Ele é absolutamente perfeito. É totalmente justo. Mostram-no o primor e a certeza da criação, à vista, no mundo imenso e incommensurável. Só uma inteligência, absoluta e omnipotente, poderia ter sido o iniciador, o vivificador, o propulsor do universo. Deus é a causa das causas. O princípio da vida. Tudo criou, tudo ampara, tudo lhe pertence. D'Ele viemos e para Ele voltamos, quer queiramos quer não queiramos. Senhor

pelo seu brilhante aniversário e pela vitória sobre os «Elementos» que tentaram fazê-lo submergir. Lisboa, Fevereiro de 1965.

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA Cap.

soberano da sua obra, o universo. Só d'Ele dependemos. É o nosso susserano, absoluto e indiscutível. Só a ele devemos satisfação. Só Ele nos pode julgar. E no seu julgamento Deus é inflexível. De outro modo seria insustentável o sincronismo universal. Julgar é destruir, reparar, corrigir. Repor a ordem, actualizar as funções. Julgar é faculdade exclusiva de Deus.

Deus, porém, justo e inflexível, também é bom. Viu-se há tempos, espalhado pela cidade por pessoas de relevo social, infelizmente afastadas do nosso meio, um dístico a dizer que a caridade é de Deus. Não, Deus é a própria caridade. «Deus est caritas». Deus, se é justo, também é indul-

(Continua na página 3)

Empresa Têxtil de Barcelos

S. A. R. L.

Fábrica de Malhas TEBE

TEBE! Um nome respeitado ao serviço da economia nacional

A Fábrica de Malhas TEBE

tem um artigo para cada gosto, um preço para cada bolsa e novidades para todas as ocasiões.



Ex.º Sr. Mário Campos Henriques
Presidente do Conselho de Administração da FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

Por estas razões, as malhas **TEBE** continuarão na vanguarda do bom gosto, que o mesmo é dizer: continuarão a merecer do público, em geral, a sua preferência em todas as ocasiões.



Telefones	{	BARCELOS	82385 — 82386 P. P. C.
			82411 — Gerência
	{	PORTO	22933
		LISBOA	34268
		327874 — Gerência	
Telegramas — TEBE			

Não esqueça! Na cidade, na praia, no campo, em viagem, em toda a parte, TEBE! Tem sempre artigos que lhe darão comodidade, conforto e elegância.

TEBE! AS MALHAS QUE SEMPRE VESTIRÁ

Manhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento: — «O que faz a vida grande não é o muito tempo que ela dura, mas a grandeza de alma com que se soube viver».

Dia 14 de Fevereiro: — Domingo da Septuagésima. Missa própria (sem Glória). Credo e Pref. da S.S. Trindade. Paramentos roxos.

EVANGELHO
(S. Mat. XX, 1-16)

Naquele tempo, Jesus contou aos seus discípulos esta parábola: «O Reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário que foi, logo ao romper do dia, contratar jornaleiros para a sua vinha. Justou dar-lhes um dinheirão por dia, e mandou-os para a sua vinha.

Tendo saído por volta das 9 horas, encontrou na praça outros homens, sem fazerem nada. Disse-lhes: «Ide vós também para a minha vinha e eu vos darei o que for justo». E eles foram.

Saindo de novo por volta das 12 e das 15 horas, fez o mesmo.

Saiu, finalmente, pelas 17 horas e ainda lá encontrou alguns. Então, disse-lhes: «Porque passastes aqui o dia todo, sem fazer nada?» — «Porque ninguém nos contratou» — responderam eles. Ele disse-lhes: «Ide também para a minha vinha».

Ao chegar a noite, o proprietário disse ao seu feitor: «Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando nos primeiros». Os que tinham vindo às 17 horas, receberam um dinheirão cada um. Ao aproximarem-se, os primeiros pensavam que iam receber mais, mas também só receberam um dinheirão cada um. Depois de o receberem, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo: «Estes últimos trabalharam só uma hora e vós pagastes-lhes como a nós, que trabalhamos o dia inteiro e suportamos o calor?»

Mas o proprietário respondeu a um deles: «Meu amigo, eu não sou injusto para contigo. Não combinaste comigo receber um dinheirão? Toma, pois o que te pertence e vai. Quero dar a este último tanto como a ti. Não tenho eu o direito de fazer dos meus bens o que desejo? Ou serás tu invejoso, pelo facto de eu ser bom?»

Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos».

REFLEXÃO

Nós, homens, somos os únicos seres terrestres que Deus escolheu para sermos Seus colaboradores na obra da criação. Assim, todos devemos trabalhar às Suas ordens, às ordens d'Aquele que nesta parábola, grita aos que não trabalham: «Porque passastes aqui o dia todo, sem fazer nada?... Ide também para a minha vinha... Pagar-vos-ei o que for justo».

A vinha é a Igreja, e também a nossa alma; e é trabalhando na Igreja e para a Igreja que cultivaremos a vinha da nossa alma. Essa vinha celestial é constituída por uma grande e única Cepa: Cristo; nós somos enxertos, baceles dessa Cepa.

Deus quer que todos se salvem; para isso nos criou. E o que Cristo quer significar quando diz: «Muitos são os chamados...» Este chamamento, porém, dá-se em todas as idades da vida, até à sua noite: a morte. Cedo ou tarde, sempre é tempo, sempre recebe Deus operários para a Sua vinha, com direito ao salário. Posto o sol, não mais há trabalho, não se recebem mais operários, não haverá mais direito ao Salário.

Destes operários, de todas as que foram chamados para o Reino dos Céus, os que porventura, foram chamados em último lugar, podem tornar-se iguais aos primeiros, como os primeiros podem ficar no lugar dos últimos.

A medida da recompensa no Reino de Cristo não dependerá tanto da

grandeza, fadiga e duração do trabalho, nem do valor externo de cada obra, mas da graça com que Deus para eles concorreu. A medida da graça, porém, depende unicamente da livre benevolência de Deus. Assim, em pouco tempo, pode merecer-se muito, porque pode ser muita a graça e grande a nossa cooperação.

Se ainda não demos, pois, o nosso coração ao Senhor, dêmo-Lho ao menos agora, na certeza de que Ele o aceitará. Seremos do número dos operários chegados tarde ao trabalho, mas nem por isso ficaremos sem salário: o Céu!

Notas da Semana

(Continuação da pág. 1)

nimo, para evitar e reparar o mal. E para sair dele. O seu castigo não é vingança, mas correctivo. Não um fim, mas um meio. Nem consequência, apenas advertência. Nem perdição, pelo menos enquanto debutarmos, que esta luta não é senão prenúncio de existência melhor. A prova? Têm-na os crentes e até os não crentes na insatisfação total e permanente das coisas do mundo. Este não satisfaz: o homem e não o satisfazendo não o realiza completamente, não podendo ser o seu fim. Quanto mais conquista o mundo menos satisfeito se sente. Ainda que tenha longa vida, toda cheia de bens materiais, o homem chega ao fim da existência com o coração vazio e amargamente desiludido, se não torturado pelo remorso. Nada ficou para sua felicidade: tudo vaidade e só vaidade, esvaída, como fumo. Só a prática do bem, da justiça e da bondade identifica o homem com o seu alto destino, diferente do de toda a outra criatura visível, privada de inteligência e de liberdade, que caracterizam aquele e lhe marcam a origem e o fim.

A justiça é prerrogativa de Deus. Este pode, contudo, e outros são comunicados em direito natural, primariamente, aos pais; por chamamento, aos sacerdotes; e reflexivamente, às autoridades e aos magistrados. Daqui a grandeza e a importância da missão de uns e de outros. São os responsáveis, por si e por seus naturais desdobramentos, pelo acerto e o desacerto da sociedade.

A justiça tem de ser universal, equitativa, inflexível. Por vezes dura (dura lex...) mas essa dureza não exclui a bondade. É até depois de satisfeita a justiça que tem lugar a caridade. Justiça e bondade, dever e altruísmo, não são incompatíveis; completam-se até. A justiça corrige; o castigo deprime; a caridade atenua a depressão e evita o desespero, proporcionando a regeneração e a reabilitação, e tantas vezes atenua a sorte de infelizes, vítimas inocentes dos erros e dos desvarios dos justificados.

Estas ligeiras e despreziosas considerações foram-me sugeridas pelo conhecimento de que ilustre magistrado, repetindo aliás o que já tenho notado, tomou a inicia-

COISAS DA NOSSA TERRA

(Continuação da página 1)

ainda ver com vida e vitalidade um jornal provinciano, que apesar de todos os contratemplos conseguiu singrar durante 54 anos.

É difícil para aqueles que não lidam com a imprensa-grande ou pequena — compreender o que é a luta para manter um jornal e fazê-lo sair a tempo e horas.

Para consegui-lo, é preciso uma devoção acendrada e muito amor à terra, e tudo isto tinha o saudoso amigo Sr. Rogério Calás de Carvalho, que ao seu jornal, e à Terra, deu toda a sua vida.

Ainda recorro o calor com que defendia a realização das Festas das Cruzes, como defendia a Franqueira e o Facho, como pugnava, pela realização de obra que perpetuasse as figuras de Barcelenses ilustres, realizando nas suas colunas subscrições para a construção de monumentos.

Quem se der ao cuidado de ler a colecção de «O Barcelense» encontrará ali a história, a verdadeira História de Barcelos, nos últimos 50 anos.

Quantos anseios, ficaram pelo caminho, pela incompreensão dos homens. Quantas arrelias e incompreensões teve o seu director de enfrentar, para manter uma linha de rumo, certa e eficaz para, com mão segura, trazer até hoje o seu Jornal «O Barcelense»?

Faço sinceros votos, para que a rota deixada e traçada por Rogério Calás de Carvalho, seja e continue a ser, o defensor acérrimo dos interesses de Barcelos e das suas gentes. E, se possível, que o caminho seja mais suave neste novo ano que vai começar.

Simplicio de Sousa

gente. Se castiga, também perdoo. E para connosco, os simples mortais, se nos submete a provações, não nos falta com amparo magnânimo de pessoalmente angariar fundos para proporcionar aos presos da cadeia comarcã de Barcelos a ceia de natal, em ambiente tanto quanto possível suavizado, até com televisão, e sobretudo com a magnânima presença de tão nobre pessoa. Certo é que aos reclusos nunca faltou amparo humano, proporcionado assiduamente pelos homens da Acção Católica, pelos membros das Conferências de S. Vicente de Paulo, pelos senhores da Cristandade e também por particulares generosos. Porém isso sem diminuição da iniciativa daquele ilustre magistrado, exemplo de bondade, neste mundo quase totalmente dominado pelo egoísmo, frio e fechado.

A verificação deste facto torna natural e irremovível a conclusão, a que finalmente tenho de chegar.

A justiça depende da qualidade dos homens que a ministram, como afirmou com autoridade Sua Ex.^a o Ministro da Justiça.

Realmente é assim e por isso é que Barcelos se sente orgulhosa de seus ilustres magistrados.

Ainda bem, que nem tudo nos falta.

Mário da Gama

Ao passar por FAMALICÃO não deixe de visitar o

CAFÉ IBÉRIA

Rua Adriano Pinto Bastos

TELEFONE 228

ONDE LHE SERÁ SERVIDO O MELHOR CAFÉ

Ótimo serviço de SNACK BAR

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES E MARCAS

MARISCOS TODOS OS DIAS S/ ENCOMENDA

Aberto até às 2 horas da madrugada

Se hesita na escolha da carreira, consulte

F. Machado

ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL

Rua Augusto Gil, 70, r/c Dt.

PORTO

Motores a petróleo italianos

LOMBARDINI

de 4-7,5 e 9 HP

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

LOMBARDINI

Agentes exclusivos no País:

CORRÊA & CARDOSO

Telefone 82442

BARCELOS

Precisa de reparar o seu Rádio ou o Televisor?

Armindo da Silva, na Av. Dr. Oliveira Salazar, 19, tem ao seu serviço, Pessoal Técnico, especializado nas Oficinas da importante casa de Lisboa — COREL, L. DA

ARMINDO SILVA

RÁDIOS, TELEVISORES, GRAVADORES E TODO O MATERIAL ELECTRO-DOMÉSTICO

Av. Dr. Oliveira Salazar, 19

Telefone 82708

CASA CUNHA

Telefone 82645

DE — Félix Luís da Cunha

CAMPO DA FEIRA — BARCELOS

Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados

(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)

DEPÓSITO DE LOUÇAS E VIDROS

DE

António Vasconcelos do Vale

(CASA FUNDADA EM 1909)

TELEFONE 84125

Grande e variado sortido de Louças para todos os fins Domésticos e Ornamentais

AREIAS S. VICENTE

BARCELOS

UM MAL DOS NOSSOS DIAS

De encontro ao artigo do nosso prezado Director, recebemos a carta abaixo transcrita, que muito nos sensibiliza.

...Sr. Director:

Por leitura do artigo subordinado ao título UM MAL DOS NOSSOS DIAS, publicado no último número do Jornal da digna Direcção de V..., apercebemo-nos que alguns monumentos e habitações da V/ mui illustre Cidade estão a sofrer o ataque de térmitas além do de fungos e insectos xilófagos.

Porque esse grave problema, que defrauda o Património artístico e económico da Nação, não é exclusivo do nosso País, constituindo grande preocupação das Entidades responsáveis de vários países, ele tem merecido da parte dos técnicos a maior acuidade.

Os esforços conjuntos de micologistas, entomologistas e tecnólogos, trabalhando nos grandes Laboratórios e Centros de Investigação, em actividade nos países de técnica mais avançada, como os Estados Unidos da América, Inglaterra, Canadá, Alemanha, etc. — a que se associa em Portugal o laboratório Nacional de Engenharia Civil —, levaram a química moderna à fabricação de produtos preservadores de mais alta e absoluta eficácia contra o ataque dos xilófagos, quando applicados por processos reconhecidamente correctos que interessam a madeira em toda a sua profundidade.

De todos, é sem dúvida o da preservação em autoclave sob vácuo e pressão (vulgo processo de injeção) o mais eficaz e o mais largamente experimentado, pois se utiliza há cerca de 130 anos.

Apraz-nos, portanto, informar V... e as Entidades interessadas que esta Sociedade possui em Portugal, há cerca de 40 anos, instalações do tipo acima apontado que utilizam produtos de reconhecida e reputada eficácia, como o óleo de creosote e o «Premunol».

Este último, é utilizado nas nossas instalações por licenciamento da Hickson' Timber Impregnation Co. (G. B.) Ltd., indiscutivelmente a maior organização mundial em preservação de madeiras que tem à sua disposição mais de 400 instalações em 34 países, distribuídas pelos 5 continentes.

Esta formidável organização cuja capacidade no seu conjunto é de cerca de 40 Milhões de metros cúbicos de madeira tratada por ano, tem, necessariamente, da panorâmica internacional da preservação de madeiras um tão profundo conhecimento que nos leva a poder afirmar estamos em condições de oferecer um tratamento económico e absolutamente eficaz contra todas as espécies de ataques biológicos e mais

especificamente, no caso presente, contra o ataque de térmitas (vulgo formigas brancas).

A madeira tratada por este processo não apresenta cheiro, e pode sofrer todas as formas de acabamento normais na madeira em branco, como sejam, colagem, pintura, envernizamento, enceramento, etc.

Assim, conseguimos tornar o nosso pinho um material óptimo a empregar nas construções civil, rural, naval, etc., concorrendo afoitamente não só com qualquer outra espécie de madeira considerada naturalmente mais durável — mesmo exóticas —, mas ainda com os restantes materiais de maior duração applicados na mesma obra.

Aliás, só assim se explica a extraordinária procura que o nosso pinho tem nos mercados estrangeiros, onde, segundo estatísticas, a utilização de madeiras nas construções tem vindo a ocupar cada vez maior percentagem em detrimento de outros materiais que lhe tinham roubado esse lugar. É que a madeira de pinho é um material barato, facilmente trabalhável, óptimo isolador térmico e sonoro, além de não temer confrontos como material decorativo, tornando, consequentemente, uma habitação muito mais confortável e repousante. No caso de construções rurais é mesmo o único material que melhor se enquadra com esse ambiente.

Esta preferência estrangeira pelo nosso pinho — QUE O TRATA CUIDADOSAMENTE — deve fazer-nos meditar e abandonar-nos de uma vez para sempre a ideia de que «a galinha da nossa vizinha é sempre melhor que a nossa».

Embora lamentemos tão longa exposição, fomos a tal animados pelo entusiasmo posto no artigo que lhe deu origem, consolando-nos a ideia de que ela deve por fim dar uma modesta e desprezenciosa ocheira a para a Economia Nacional.

Se porventura V... entender que o teor da presente pode merecer a atenção e a honra da publicação no Vosso reputado Jornal, desde já se firma muito grato, quem se subcreve,

De V. Ez.º

MUITO ATENCIOSAMENTE
SOPREM — Sociedade de Madeiras,
S. A. R. L.
O Director da Fábrica de Vila Nova de Famalicão,
LUIS RODRIGUES

Farmácia de Serviço

Amanhã, Domingo encontra-se de serviço permanente
FARMÁCIA LAMELA
Rua D. António Barroso

Domingos Oliveira Neiva

1.º Sargento Aviador

Exaltar os heróis caídos em defesa da Pátria é hoje obrigação de todos quantos se prezam ter conterrâneos que no ultramar lutam por conservar intacto o património luziado. Com mais ou menos valor, o único e supremo valor, o único que merece meditação, é dar a vida pela Pátria, e só esse acto, era acto por si, merece a mais sentida manifestação de simpatia e orgulho. Por isso hoje re-



cordamos a morte do 1.º Sargento Aviador, Sr. Domingos Oliveira Neiva, morto no desastre de aviação do Chitado-Angola, quando, se fosse vivo, completaria mais um aniversário no próximo dia 15 do corrente.

Fragosense dos mais ilustres, o Sr. Domingos Neiva era casado com a Sr.ª D. Maria Luisa Vicente Neiva, senhora de excelsas qualidades, que cedo se viu separada do seu marido, nesse brutal desastre em que perderam a vida grandes valores do nosso exército.

No seu aniversário, lembramos o falecimento do nosso saudoso amigo Sr. Domingos Neiva, pedindo uma oração pelo eterno descanso da sua alma.

Comemora presentemente o mais antigo jornal de Barcelos o seu 54.º aniversário, espaço de tempo que a ampulheta da vida vai registar nos seus arquivos, mais um ano de esforços e lutas em prol deste canteiro minhoto que o Cávado banha com suas mansas e cristalinas águas.

Muito deve a nossa cidade e seu concelho a «O Barcelense» que tem sido desde a sua fundação no ano de 1911 um denodado paladino de suas sagradas causas, que tanto tem pugnado pela defesa de seus mais prementes e legítimos interesses, gastando o melhor das suas forças numa luta sem tréguas, que desde há 54 anos vem travando em favor de seus muito nobres e alevantados ideais, fazendo possíveis e impossíveis campanhas para que a nossa terra eвреde pela senda do progresso, procurando também erguer bem alto o nome da terra que lhe serviu de berço, tornando-a conhecida pelos cinco continentes do universo, até onde, semana a semana, chegam as suas agradáveis e bem redigidas notícias.

Lutando sem desfalecimentos por Barcelos — terra de tão nobres pergaminhos, berço de heróis, santos, guerreiros, homens de ciência, poetas, navegadores e de figuras de destaque na vida portuguesa —, por ela

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA
— DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos
Av. dos Combatentes da Grande
Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

Garrafas Novas

DE 8,5 DECILITROS A 2\$50

CASA ÁGUIA

Telefone 82445

BARCELOS

SOPREM

Sociedade de Preservação de Madeiras, S. A. R. L.

Sede: LISBOA — Rua do Telhal, 12 — 4.º Esq.º — Telefones 47292 — 49217

FÁBRICAS EM: Vila Nova de Famalicão — Telefone 51

Pampilhosa — Telefones 94160/1

Marinha Grande — Telefone 98351

**TRATAMENTO DE MADEIRAS EM AUTOCLAVE SOB VÁCUO
E PRESSÃO COM PREMUNOL**

Contra todas as espécies de ataques de fungos e insectos nomeadamente
contra térmitas (Formiga Branca)

STOCK DE:

Postes Telegráficos e Telefónicos
Travessas de Caminho de Ferro

Bancas de Ramadas
Vedações tipo SOPREM

Guarda-Rios,
Madeiras de construção
civil, rural, naval, etc.

PÁGINA FEMININA

UMA MÃE RESPONDE A JUSTO

(Sobre Camaradagem)

Nesta época áurea do Diálogo, que une povos e raças, credos políticos e credos religiosos, porque não unir gerações, que dir-se-ia oostas e em guerra aberta? Mas o diálogo pressupõe de antemão cedências e garantias. Estará a Juventude — leal por natureza — predisposta a entabular um diálogo honesto com a geração que a precede no tempo? Estará a Juventude disposta a dar, na medida em que recebe? Ou na ansia desordenada de emancipação, no medo de que a «vida lhe fuja sem a viver», lança-se vertiginosamente na corrida louca para o desconhecido, para a aventura, para o prazer, para a obstinação, para a loucura, como a borboleta cega em busca da luz onde se perde...

Meu pobre Justo, a que ponto os extremismos cegam a Juventude! E no entanto, eu compreendo. Apesar da maldição levantada contra a mais nobre, a mais legítima, a mais santa das autoridades — a materna e paterna — eu compreendo-o, eu perdo-o-lhe!

Porque não havemos de encontrar, sem violências, o meio termo entre a autoridade a liberdade exageradas? Meu amigo: Acalme-se e procure raciocinar. Lance-se no tempo em imaginação, e veja-se com mais vinte anos e pai de filhas... Num meio onde a imoralidade campeia à solta, com exemplos asquerosos, onde a sexualidade desordenada é lei, em que a liberdade, na maior parte dos casos, corresponde à irresponsabilidade —, que não de fazer os Pais? Devemos reconhecer que há exageros condenáveis e honrosas excepções.

O grande passo a dar, portanto, parece-nos que é merecer confiança. Trabalhar para promover a elevação moral do meio barcelense, porque não? Tarefa difícil, mas não impossível. A Página Académica, tem a palavra! O Vosso artigo sobre Sexualidade de Franco Vilas Boas foi já um grande passo em frente. Quem o continuará? Uma organização colectiva de saneamento moral, empreendida por um grupo de rapazes conscientes, generosos e decididos — eis o grande papel que vos está confiado, jovens de Barcelos! Em troca, tende a certeza de que passaremos a trabalhar para que a Camaradagem entre rapazes e raparigas seja um facto. Mas as bases da Camaradagem mista terão de ser, como é óbvio, assentes em pontos determinados a que a lógica juvenil nem sempre atende. Por exemplo: «Querendo afastar os filhos da pretensa imoralidade (já vimos que há autêntica imoralidade) dos devaneios, dos namoricos e das perdas de tempo nos estudos, eles criam filhos brutos e com os olhos fechados, etc.»

Em primeiro lugar quando um pai se sacrifica para dar estudos a um filho, fica, desde logo, credor da gratidão desse filho. (Lembremos aqui, com a mais profunda admiração, os que trabalham de dia, para estudarem de noite.) Preparar um filho para a Vida séria, Vida de homem adulto e integral, é, portanto, dar-lhe mais, muito mais, do que dar-lhe oportunidades de namoricos ou passatempos fortuitos. Estes, poderão enquadrar-se nessa Vida como elementos secundários, sem dúvida necessários, como a alimentação ou o sono, mas nunca supletivos. Esqueçê-lo, é alterar numa escala de valores, por exemplo, o lugar da cabeça e o dos pés. Se o rapaz ou rapariga que estuda perde tempo em devaneios e namoricos, tempo que poderá, mais do que em qualquer passatempo, ocupar-lhe demastado o espírito que deverá ter livre para as matérias escolares, e no qual está envolvido o gasto dum ano inteiro, perguntar-se: estarão estes jovens a colaborar como filhos inte-

ligentes e com os olhos bem abertos perante o problema?

Não. Pensando assim, ninguém lhe reconhecerá superioridade bastante para «tomar a rapariga pela mão» nem a própria rapariga que, valha a verdade, neste tempo da era espacial já não necessita de qualquer auxílio cavalheiresco, a menos que, sem personalidade bastante, se sujeite a cair em ambos «no barranco», como cegos condutores de cegos...

Sem desejarmos ser «retrogrados» parece-nos que, na medida em que se atropela desordenadamente (como tantos fazem) os tempos livres e os tempos de trabalho (no caso presente o estudo) não há um pensamento sério e superior a orientar a Camaradagem. Nesta base nada se pode construir. Mas com bom senso, método e respeito pelas responsabilidades e deveres, a Camaradagem entre rapazes e raparigas é útil. Longe de descambar para o namoro precoce, como muitos receiam, permite um estudo psicológico recíproco, que necessariamente origina maior naturalidade nas relações amistosas e académicas que sempre devem existir entre gente nova. O namoro precoce, pelo contrário, pode resultar dessa falta de simplicidade num convívio misto. Nas férias, principalmente, há necessidade de criar esse convívio.

«Pretendem poupar os filhos para a santa vida de casados como se a sociedade fosse um mar de rosas...» Meu amigo Justo: este seu desabafo amargo é bem compreensível! É fruto duma época instável como areia movediça, que a todo o momento parece fugir-nos debaixo dos pés. Mas uma razão para lutarmos com todas as forças para uma renovação desta sociedade apodrecida. Eis a nossa esperança na Juventude que por definição é Renovo, Força e Vigor.

Pedir aos jovens preparação para o casamento, é pedir, não «maliciosamente dentro de interesses exageradamente materialistas» mas, pelo contrário, sempre dentro da experiência que a verdura dos anos não escuta nem atende, que ao instinto animal que degrada, se sobreponha a inteligência e a alma humanas. Por demais a sociedade se encarrega de nos mostrar, ao vivo, crimes e desgraças, cortejo infundável de vítimas inocentes que se erguem num clamor de justiça, contra aqueles que ao mesmo sabor de paixões, as atiram e acorrentam à miséria em que se debatem. Mas o mundo, apesar de tudo o que digam, caminha para uma maior consciencialização destes problemas. Está em vós ajudar-nos a trabalhar numa moral social. Os Novos são a nossa esperança. Uma confiança em vós e na vossa geração, na medida em que ela nos der a certeza de querer valorizar-se, criar-se para grandes empreendimentos, que conduzam o mundo para uma era de mais felicidade, onde o Homem possa realizar-se plenamente, como ser criado por Deus para Ele voltar!

Sabemos que a vossa geração é, na hora presente, a Geração do Resgate. Mas as gerações passam. O que delas fica é a contribuição para um Mundo Melhor!

Uma Mãe Cristã

Sempre mais alto!

- 1— Não te deixes submergir pelas dificuldades!
- 2— Habitua-te a olhá-las de frente, a não as diminuir, mas a lembrar-te que podes e deves vencê-las!
- 3— A tua inteligência dá-te os meios. A tua vontade, a possibilidade. O teu amor a Cristo, a força!

Isabel

Desportos femininos

Que espécie de desportos são permitidos às raparigas de Barcelos? Que se saiba, nenhuns. Tudo se passa como há cinquenta anos em que as meninas não podiam ser outra coisa do que sonhadoras e românticas, à espera do Príncipe Encantado que nunca mais chegava... Assim se frustraram muitas vidas. Hoje as raparigas têm outras aspirações. Preparam-se activamente para um curso médio ou superior, o que lhes permite uma certa independência económica. Mas a par disto, desejam ter uma valorização moral e física, que poderemos enquadrar na célebre máxima «mes sana in corpore sano».

A M. P. F. muito poderia fazer para nos ajudar, como acontece noutras terras. Infelizmente, pouco ou nada se vê.

Tempos livres que não poderiam ter melhor aproveitamento do que em exercícios desportivos que, bem orientados, nos permitiriam entrar em competições locais ou regionais.

Nas férias poderíamos organizar passeios — «footings» — em grandes grupos de rapazes e raparigas, integrados numa associação extra-escolar que se interessasse de veras por nós. E se está provado que a natação é o desporto mais completo que se conhece, e o Clube D. B. é incontestavelmente das poucas realidades que temos, porque razão, no verão, tão poucas raparigas se dedicam com entusiasmo a esta modalidade? É motivo para perguntar com que intenção vestem um maillot, se não tem por fim a prática de tão belo desporto... Lamentamos sinceramente que a mentalidade das nossas raparigas não tenha evoluído suficientemente nesse sentido. Mas temos fé que a pouco e pouco a nossa juventude vá acordando para uma real necessidade das práticas desportivas.

Ana Maria

Pensamento

De nada vale um homem se nada de Bem dele se receber para benefício do convívio social e do progresso da Arte.

À sombra da morte

Foi a enterrar aquela mulher, que deixou quatro filhinhos sem ninguém...

Um daqueles farrapos humanos que se criam nas «ilhas» imundas, à mercê de quem as procure... Um daqueles seres falhados para quem a vida não é vida, nem tem outro significado que não seja o sofrimento e a angústia sob todos aspectos, porque uma sociedade estranha, dum estranho mundo cão, os impele para a vala comum do vício e da imoralidade, do desespero e do crime!

A quem há que pedir contas? Quem pede contas? Ninguém pede contas. Não há a quem pedir contas. Cuidar dos vivos e enterrar os mortos, tal como nos grandes riscos aceites, em que a morte é lei, é autor e é juiz! Duas mortes foi o preço da vida que não nasceu...

No entanto, no entanto, há alguém que se esconde e é culpado também. Há um homem que é cúmplice deste crime. Um homem que é pai; quer queira, quer não queira, é pai! É a sociedade, na medida em que que o encobre, e o desculpa e o irresponsabiliza, também é culpada! Responsabilizamo-la pela orfandade de quatro criancinhas que vão criar-se à sombra da Caridade e do Amor, ou simplesmente à sombra da miséria e da morte que lhes levou a Mãe, o único ser que conheciam e amavam, porque se mirrara sôzinha para lhes dar o pão...

— Até quando, Senhor, até quando a sociedade justificará os filhos de pai incógnito?

— Até quando, Senhor, há-de existir homens sem lei, que impelem para o desespero, para o crime e para a morte, mulheres fracas e indefesas?

— Até quando, Senhor, a sociedade em que vivemos, civilizada e cristã, desculpa, encobre e irresponsabiliza, a imoralidade e a covardia, que nenhuma lei humana — excepto a Tua, Senhor — condena?

— Até quando, Senhor, há-de existir fome, e «ilhas», e devassidão moral, e comércio do sexo, e homens irresponsáveis, e mães, para quem a maternidade não é, nem pode ser, a coisa mais bela do mundo?

— Até quando, Senhor, é que os filhos serão uma maldição, em lugar de serem uma bênção?

— Até quando, Senhor?

E. L.

A Parábola dos Talentos

Minha Senhora: Apesar de não me julgar precisamente uma avó antiquada, gostaria que me explicasse a lógica de certas mulheres modernas, que por vezes me desconcertam. Conheço, por exemplo, uma Senhora de 35 anos, mãe de dois filhos, de dez e doze anos. Ela tem tudo para ser feliz: um marido encantador, gozando duma situação desafogada, dois filhos saudáveis e uma casa confortável. Pois que faz esta invejável criatura? Em lugar de ficar tranquilamente em casa, resolve deixar todos os dias o lar para trabalhar fora. Ao fim da semana, como é natural, sente-se esgotada pelo trabalho. Mas porque, se como ela própria o confessa, o dinheiro que ganha serve para pagar à pessoa que a substitui em casa, e fazer umas extravagâncias que o marido, por certo, lhe não recusaria dar?

Deve concordar que o lugar desta senhora era muito mais em casa, junto dos seus filhos, do que num emprego fora. Além disso é um desajuro que uma mulher queira ganhar dinheiro quando não tem razão imperiosa para o fazer.

M. A.

Minha Amiga: Parece-me haver no caso que descreve, um elemento que às pessoas doutra época, naturalmente, escapava: é o aborrecimento.

Essa senhora podia passar sem ganhar o dinheiro que lhe permite pagar a quem a substitui. Mas o dinheiro, minha Amiga, não é a mais importante razão que a faz trabalhar fora, pode estar certa. Cada um de nós na terra, tem necessidade de dispendir um potencial de energia que lhe foi atribuído por Deus. Por outro lado, cada um deve também explorar, para bom equilíbrio, aquilo que o Evangelho chama os talentos recebidos.

Se essa senhora escolheu fatigar-se num trabalho fora de casa em vez de se fatigar nos trabalhos caseiros, é, sem dúvida porque ela é mais dotada para um trabalho do que para o outro. E o trabalho é tanto mais rendoso, quanto mais nele se encontre a felicidade e o emprego das faculdades próprias. Todo o trabalho contrariado não dá rendimento. É incontestável que se nem todos os homens são dotados forçosamente para serem médicos ou electricistas, nem todas as mulheres são dotadas, por seu turno, para os trabalhos caseiros.

Também, neste caso, a orientação profissional teria a sua razão de ser. Imagine-se que esta senhora era obrigada a ficar em casa todo o dia, em lugar de exercer uma profissão para a qual nasceu com aptidões es-

peciais. Além do bom elemento social que se perderia, por certo, faliava como doméstica. Tornar-se-ia uma dessas mulheres eternamente insatisfeitas com a sua sorte, que se refugiam numa nevrose insuportável, ou em doenças imaginárias, ou ainda numa vida de futilidade condenável, visto o seu trabalho quotidiano não corresponder às dificuldades para as quais nasceu. Não acreditemos que a casa passaria a andar melhor, nem que a família ganharia com isso.

É certamente mais agradável para um marido compreensivo encontrar a sua mulher fatigada, mas alegre e feliz, do que uma mulher rabugenta e sempre, de toda a maneira, fatigada. Quanto aos filhos, dada a especialização infantil que hoje existe por toda a parte, eles preferem uma mamã um pouco ausente, mas depois carinhosa e compreensiva, do que uma mãe sempre atarefada ou frívola e, de qualquer maneira, distante para eles. O mais importante para vencer na vida não é estar aqui ou estar ali, «mas estar bem em qualquer parte e fazer o que está em si» (como dizia Santa Teresa de Avila).

Em resumo: Realizar-se é oferecer aos outros os talentos da sua vocação, do seu bom humor, e da sua felicidade.

Adaptação de Ercilla

Camaradagem

Quem não gosta de conviver, conversar, trocar ideias, manifestar gostos por música, artistas, discutir, etc., etc.?

Mas com quem? Sem dúvida nenhuma que os rapazes nos interessam. Mas que rapazes? Já viram como os rapazes hoje se dirigem às raparigas, salvo raras excepções? É o piropo grosseiro, a graça desrespeitosa que só nos dá vontade de lhe lançarmos um ar de desprezo, que por seu lado os enfurece. E aí está, neste pé, a desejosa camaradagem entre rapazes e raparigas. Se há um baile, esta desconfinança persiste, e só alguns rapazes cuja educação é flagrante, nos podem servir de companhia. É triste não é? Mas que havemos de fazer?

Porque não procuram os rapazes ser melhores, para que a Camaradagem possa existir com mais franqueza, sinceridade e... amizade?

São os voto da:

M. L.

Prémio de uma boa acção

Era um indivíduo a que vulgarmente se dá o nome de ricoço, bastante novo, teve a infelicidade, como acontece a tais criaturas, de se deixar rodear de outras que deixam muito a desejar, e assim lhe foram pervertendo seu amoroso coração. Um certo dia, com amigos íntimos resolve dar um passeio pelas suas propriedades, onde havia bastante bravia apto ao fim que tinha em vista: uma caçada. No dia aprazado vão em demanda do que tinham planejado.

Chegados ao local trataram de descansar. No dia imediato antes de dar início ao seu trabalho sentaram-se em volta duma mesa onde nada faltava de comer e beber. No meio daquela reinação abre-se de repente uma porta da sala onde se achavam, e qual o espanto ao verem entrar uma moçoila bem apresentada. Tudo mironava, mas ela em atitude de humildade, olhos postos no chão, e assim se dirige ao anfitrião daquela comesaina e entre soluços tem para com ele estas palavras: eis perante o Senhor a filha do jardineiro que durante quase toda a sua vida trabalhou estas propriedades em tempo de seus saudosos pais, e que há pouco morreu deixando-me só e desamparada neste mundo. Se os serviços de meu querido pai dalguma coisa valeram aos olhos do Senhor, seu amo, suplico-lhe que em recompensa deles me dê esse pequeno donativo de que tanto preciso para

entrar numa casa religiosa, pois foi esse sempre o meu maior desejo. Mal acaba de pronunciar estas palavras ouve-se na mesa grande gargalhada aplaudindo-a de lunática, e mais coisas... terminando por lhe dizer que moçoila como ela, tão jovem e tão formosa não nasceu para ser sepultada em vida entre quatro paredes duma casa religiosa, mas antes gozar tanto quanto pudesse, e se fosse de sua vontade que olhasse para os presentes que qualquer deles lhe serviria como esposo, terno e apaixonado. Em tal atitude ela vira-se para o dono da propriedade e pede-lhe auxílio em nome de sua santa Mãe. Não permita o meu ultraje.

Ao ouvir falar no nome de sua idolatrada mãe, levanta-se e impõe silêncio aos amigos. Volta-se para a moçoila e diz-lhe: tens razão; minha mãe era o protótipo da bondade e da ternura e em seu nome concedo-te o donativo que me pedes. Vai para onde o teu coração te impele, e recorda-te de todas as vezes que puderdes de mim nas tuas rezas. Sempre, meu Senhor, e as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, enquanto puder e meus lábios se moverem não deixarei de pedir a recompensa que mereces.

Estas orações levaram o dono da propriedade ao arrependimento, entregando-se à vida mística, morrendo como verdadeiro cristão.

Ildefonso

PELO CONCELHO

FRAGOSO

O meu caloroso abraço, amigo «O Barcelense».

Ao entrar no seu novo ano de vida e que será também de luta pela continuação genérica dos seus princípios, saúdo este velho Jornal Regionalista, na esperança de que como até aqui continue a pugnar pelos legítimos interesses da sua cidade e do seu basto concelho.

É natural que a festa deste ano tenha um cunho acentuadamente mais íntimo, pois ainda não passou sequer um ano sobre a morte do que foi seu muito Saudoso Director Sr. Rogério Calás de Carvalho, a quem neste momento presto também a minha sentida homenagem.

Torcato Vieira

V. F. S. MARTINHO

O Aniversário de «O Barcelense» — Entra hoje no 55.º ano de publicação o jornal mais antigo e que mais tem lutado pelo engrandecimento de Barcelos e por este motivo apresentamos ao seu ilustre Director os nossos cordiais cumprimentos de felicitações.

«O Barcelense» tem sido através dos seus 54 anos de vida o melhor arauto das belezas da Rainha do Cávado e o mais intransigente defensor do progresso de Barcelos e do seu concelho.

Recordamos com comovida saudade o seu Fundador e Director Sr. Rogério Calás de Carvalho, que pela obra realizada em prol do engrandecimento da terra que tanto amou, tem jus a figurar na galeria dos Homens Bons de Barcelos.

Sucedeu-lhe na direcção do seu querido «O Barcelense» um filho, inteligente e culto, que procura e tem conseguido prosseguir com objectividade no mesmo lema de sempre: POR PORTUGAL! POR BARCELOS!

Sinceramente desejamos ao Jornal «O Barcelense» longos anos de vida, e que, apesar das dificuldades e dos escolhos que lhe possam surgir para manter a sua ininterrupta publicação continue a prosseguir na defesa do progresso e do património moral e espiritual de Portugal.

Rev. Padre José Figueiredo do Vale Novais — E com a maior satisfação que podemos noticiar nas colunas de «O Barcelense» de que vai obtendo sensíveis melhoras no seu estado de saúde o nosso Reverendo Pároco. Fazemos sinceros votos pelo seu completo restabelecimento, e ao fazê-lo, interpretamos também o sentir de toda a população da freguesia, que muita o estima e admira, pelas suas altas virtudes de sacerdote digníssimo e de trabalhador incansável das obras da Nova Igreja Paroquial, obra a que se dedicou totalmente e que tem sacrificado a sua vida e a sua saúde, a esta obra que afinal é de todos e para todos.

Baptizados — No passado dia 23 de Janeiro, na Capelinha de Nossa Senhora da Oliveira, recebeu as águas lustrais do baptismo o primogénito do Sr. José Maria da Costa Lima e de sua esposa Sr.ª Gracinda da Silva e Sousa.

O recém-nascido que recebeu o nome de José Gaspar teve como padrinhos o Ex.º Sr. Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho e sua Ex.ª Esposa Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte de Sousa Coutinho, generosos benfeitores das obras da Nova Igreja Paroquial desta freguesia.

Também no dia 7 do corrente, na mesma Capelinha foi baptizada, recebendo o nome de Maria José, a primogénita do nosso estimado colega de trabalho Sr. José Manuel Vieira da Silva e de sua esposa Sr.ª Maria Zulmira Figueiredo Coelho.

Serviram de padrinhos o Sr. José da Silva Duarte e sua esposa Sr.ª D. Maria Adelaide Norte Sampaio Duarte.

Os nossos parabéns aos pais e avós dos recém-nascidos.

Doente — Encontra-se bastante doente o nosso estimado amigo e assinante de «O Barcelense» Sr. João Vilas Elias, incansável cobrador da Nova Igreja Paroquial. Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

Um Reparo — No caminho do lugar da Agrela a Aldão existe um muro com rede em mau estado, que constitui um perigo para as pessoas que por lá transitam diariamente. Caminho de muito trânsito, pois serve os lugares mais populosos da freguesia, quando transitam veículos motorizados as pessoas são obrigadas a desviarem-se para a beirada, correndo o risco de rasgarem o vestuário — como tem acontecido — ou de se ferirem senão se acautelarem. Para este caso solicitamos a atenção das Autoridades da Freguesia e do proprietário do prédio.

M. Ferreira

VILA COVA

Vila Cova em Festa — Vila Cova, freguesia sempre nobre e generosa, viveu no passado domingo, dia 7 de Fevereiro, mais um dos seus dias grandiosos, e escreveu mais uma das belas páginas de seu livro de áureas memórias, epílogo festivo de uma Campanha de Renúncia Pró-Missões, no caso presente Pró Missão de Santa Catarina em Cabo Verde, com a oferta de um valioso sino e numerosas peças de roupa para as crianças pobres da dita Paróquia Caboverdeana. Havia alegria nos rostos e justa satisfação nos corações de toda a briosa população de Vila Cova, que toda ela participou em Massa neste gesto lindo de caridade e patriotismo, e até um sol radioso veio prestar o seu contributo a este ambiente festivo. O Programa da festa decorreu dentro do horário pré-estabelecido e da normalidade desejada.

E assim pelas 5,30 horas da tarde do sábado, dia 6, o Rev.º Pároco da freguesia dava-nos a honra de inaugurar no Salão Paroquial uma vistosa Exposição de Vestidos, fruto da caridade, sacrifício e labor das raparigas da terra. E logo a seguir no Salão da Casa do Povo, amavelmente cedido pela simpática Direcção, o Rev.º Padre António Rodas, da LLAM, dava uma Conferência Missionária, acompanhada de dois filmes de carácter missionário: Kilimandjaro e Uma Vontade Maior.

Entretanto no adro da Igreja Paroquial um activo grupo de jovens e briosos rapazes matracava sem descanso até altas horas da noite na confecção da tribuna-palco destinada às cerimónias previstas para o dia seguinte.

E logo na manhã desse domingo, dia 7, o mesmo Rev.º Padre Rodas pregava às Missas Paroquiais sobre o angustiante problema missionário, e grande número de pessoas comunicava devotamente pela mesma intenção.

Pela 1,30 horas da tarde chegava ao Largo do Cruzeiro, sob copioso estrelar de foguetes e quentes vivas da população, ali reunida com suas Autoridades e Confrarias, Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Peixoto, Vigário Geral da Arquidiocese, logo seguido de uma caravana de automóveis que chegavam também os Noviços do Seminário da Silva e 4 Irmãs do Espírito Santo. Imediatamente se organizou, rumo à Igreja Paroquial, o Cortejo do estilo em recepções deste género.

Seguiu-se então, na tribuna adrede preparada no adro da Igreja, o solene Baptismo do Sino oferecido pela freguesia de Vila Cova à de Santa Catarina de Cabo Verde, cerimónia presidida por Monsenhor Vigário Geral e apadrinhada pelo Rev.º Sr. Cônego Miranda e pela ilustre senhora D. Bernardina Novais. Sua Excelência Reverendíssima aproveitou então o ensejo para elogiar o povo de Vila Cova pela sua generosidade em prol das Missões, pela sua fé operosa, e pelo seu amor a Deus e dedicação à Igreja.

E quando o novo Sino dava alegremente, tangido pela mão de seus padrinhos, as primeiras badaladas, os velhos sinos da Igreja em festivo repicar saudavam harmoniosos o novo colega de ofício, e os foguetes subiam numerosos aos ares, associando-se estrondosamente a esta alegre sinfonia. Seguidamente, e agora na Igreja Paroquial, foi celebrada, em solene Paraliturgia, a Palavra de Deus sobre o nosso papel missionário na Expansão do Reino de Deus, com leituras do Antigo e Novo Testamento e Salmódias apropriadas, pelo Seminário da Silva. Com a Assistência de Monsenhor Vigário Geral, presidiu a esta Assembleia o Rev.º Padre Paulino Évora, jovem missionário do Espírito Santo, natural de Cabo Verde, que em comovedor Homília desenvolveu o mesmo tema missionário da dita cerimónia.

Finalmente, e agora de novo no palco armado ao ar livre, e ainda sob a presidência de Monsenhor Vigário Geral, era levada a efeito uma Sessão de carácter missionário pelo Seminário da Silva e a Jacf de Vila Cova, em que fizeram uso da palavra a Adelaide Cachada, presidente da Jacf, o Rev.º Padre Évora, a Rev.ª Madre Jacinta Marques e o Rev.º Pároco da Freguesia. Ao mesmo tempo eram levados à cena os seguintes números: O que é o Concílio Ecuménico, Quero ser Irmã Missionária, Recital Histórico sobre a Congregação do Espírito Santo na Europa e na África, e, para finalizar, a Dança das Pretinhas, cada uma representando uma Província Ultramarina, em homenagem ao povo de Vila Cova que finalmente cobriram de flores. As pretinhas em causa estavam tão galantes e graciosas em sua cor africana e seus trajes sertanejos que o povo presente ficou sobremaneira entusiasmado e deu por bem empregado o sacrifício feito em prol das Missões.

Entre as pessoas que até nós se deslocaram apraz-nos registar a presença do ilustre e simpático Pároco de Felões, à frente de uma representação de seus dedicados paroquianos.

Seja-me lícito, para finalizar, renovar os meus agradecimentos ao Rev.º Pároco da Freguesia, ao Sr. Firmão Fonseca, grande animador desta festa, à dedicada comissão deste Ofertório, à Jacf e a todos o povo

ABADE DO NEIVA

Falecimento — Na casa de Saúde de S. João de Deus onde se encontrava internado, faleceu no passado dia 4 do corrente com 44 anos de idade o Sr. Francisco da Silva Rosas. Deixa viúva a Sr.ª Rosa Vieira com 11 filhos sendo 9 menores.

A família em luto enviamos sentimentos de pésames.

Doentes — Encontram-se doentes nesta freguesia, os nossos amigos Srs. Américo Alves da Silva e José Manuel Lopes, a quem desejamos umas rápidas melhoras.

Encontra-se internada no Hospital da Misericórdia desta cidade, onde foi submetida a intervenção cirúrgica, no passado dia 4, do corrente, a Sr.ª Maria Peixoto Vieira. Um breve restabelecimento são os nossos desejos.

Baptizado — No passado Domingo baptizou-se na Igreja Paroquial desta freguesia, recebendo o nome de Maria Clementina, a filhinha muito querida da Sr.ª Angelina Rodrigues Araújo e do Sr. José Cruz da Silva.

Pereira da Silva

MINHOTÂES

Resolvi neste número falar sobre os panoramas de que gozamos. Para isso, vou citar um caso que se passou certo domingo, há cerca de cinco meses. Estando eu junto à estrada municipal, precisamente em frente à nossa linda Igreja, embebido na leitura dum jornal, eis que, muito próximo de mim estacionou um carro cinzento, no qual viajavam um senhor, uma senhora e duas meninas, o que logo me fez supor que se tratasse de uma família, o que depois verifiquei ser verdade, ao ouvir casualmente o diálogo que se travou entre uma das meninas e a dita senhora. Uma das meninas que aparentava ter cerca de dez anos, disse:

— Mamã, olhe que torre tão alta!

— Sim, e uma Igreja tão linda como não se vê nestes arredores.

Ao ouvir estas palavras esqueci-me completamente do jornal, tão ufano me senti! Porém, eis que surge uma pergunta da mesma menina:

— Mamã, para que é aquilo no alto da torre?

O rosto do pai anuviou-se, e este respondeu bruscamente:

— Aquilo é para apanhar pardais...

A senhora explicou então às meninas que se tratava de andaimas para a terminação das obras, e vendo a enorme quantidade de pedra que se encontrava em frente da Igreja, disse que ainda devia faltar muito, visto ainda ali se encontrar tanta pedra.

— Esta pedra não é para a Igreja, visto não ser mais necessária, mas sim guias de estrada para a Alemanha. Na realidade não se pode dizer que isto seja bonito com toda esta desordem em frente à Igreja, e ainda estes dois barracões, cujo único lugar seria num monte. Isto, comparado com outras freguesias, é uma vergonha!

Ouvindo isto, afastei-me prudentemente, mas já muito envergonhado. No entanto, não posso deixar de dar razão a esse senhor. Colocando-se alguém junto à estrada municipal, de frente para a Igreja, vê pedra e mais pedra, nos intervalos das quais, crescem sebes de silvas, que dentro de pouco tempo terão coberto a grade que cerca o cemitério paroquial. A completar o quadro, dois barracões nos quais são feitas as guias de que acima se fala. Como aquele senhor, toda a gente, que ali passa, de perto ou de longe, não deixa de fazer a sua crítica, e diga-se em favor da verdade: — Com toda a razão!

Oxalá que as pessoas a quem a lei dá direito, procurem proceder à tão necessária limpeza do adro da nossa Igreja, removendo dali as pedras, pois têm muito onde as aplicar.

COUTO

ALVELOS

Saiu desta freguesia, por ter sido mobilizado a fim de prestar serviço militar na Província de Angola, mais o jovem contrariado Sr. Manuel Pereira de Sousa, soldado n.º 4180-64.

Que seja muito feliz, assim como todos os que encontram nas nossas Províncias que graças a Nossa Senhora, os jovens desta freguesia têm regressado todos e com saúde a poderem procurar a sua noiva e também para trabalhar. Apenas foi vítima de desastre de viação-auto fracturando o antebraço direito, o Sr. José Loureiro da Silva, soldado n.º 1575-61, que já recuperou.

Foi incorporado no dia 10 do corrente no serviço militar do Regimento de Infantaria n.º 8, o jovem Sr. Manuel Armindo Martins Dantas, filho do Sr. Manuel Armindo Dantas e da Sr.ª Deolinda Lopes Martins, desta freguesia.

de Vila Cova em geral, por toda a dedicação e sacrifício com que todos e cada um colaboraram neste movimento de generosidade em favor das Missões. E um muito obrigado ainda ao Sr. Director de «O Barcelense» por ter posto generosamente à minha disposição as páginas do seu jornal.

Padre António de Sá Cachada (C. S. Sp.)

Pensamentos de Verdade

— Pensamentos de Alguém (Continuação da página 10)

transcendentes para atingirmos o nosso Último Fim na posse da eterna Verdade que é Deus segundo penso, e creio que acertadamente porque minha razão mo diz e minha fé mo confirma.

O título destas linhas fica assim sobejamente justificado na certeza de que o «pensamento de alguém» deve merecer de todos o maior respeito e consideração. A todos nos cabe a obrigação, por isso mesmo de procurar que o nosso pensamento seja sempre conforme com a verdade objectiva dos factos e das coisas reais, para não enganarmos ninguém nem enganados andarmos através da nossa real existência, da qual certamente não duvidamos como o pobre filósofo apontado.

Também não podemos enganar ninguém intencionalmente com os nossos pensamentos errados ou malévolo solismas, o que seria desumano e cruel, e é desolador timbre desta calamitosa época de mentira. A mentira!!! Hoje vergonhoso crime público de lesa humanidade! Tristemente passará à história este século como aborto dos tempos, destruidor da verdade, do direito, da ordem e como jamais se viu na vida dos povos, constituindo criminosa ofensa à inteligência humana, feita para a verdade como a retina dos olhos para a luz e para a cor.

Se passarmos ao positivo da vida, a todos nos assiste ainda a obrigação de transmitir o nosso pensamento de verdade construtiva, quando de verdade, a quem quer que a nossa passagem o possa captar para o seguir, mais facilmente encarrilhando passos e acções da vida prática nos trilhos da mesma verdade e da virtude, que salvam e regeneram.

Nesta base de comunicação de são pensamentos, que é sempre um bem e o melhor bem, talvez resida a causa destas linhas desprezenciosas e para todos amigas.

Como natural da minha querida terra minhota — Barcelos — ainda que dela afastado desde a minha meninice que não posso esquecer, optei, desta vez, por gravar «meus pensamentos» em «O Barcelense», um simpático e renovado semanário regionalista, matizado de mocidade e vida nova, órgão de verdade a comunicar-se por aí fora.

Muito grato ficarei ao seu estimado Director dignando-se dar guarida aos meus pensamentos, «pensamentos de alguém» que a mais alguém algum bem poderiam transmitir na apreciação da vida que, vertiginosa, por nós passa.

(Continuaremos)

Virgílio Augusto

Motorista

Precisa-se de Chauffer. Informa Garagem Avenida.

RÁDIOS E TELEVISORES — FOGÕES A GÁS, Nacionais e Estrangeiros — AQUECEDORES ELÉCTRICOS

GRANDE SORTIDO DE CANDEEIROS

NÃO COMPREM SEM CONSULTAR

PREÇOS E QUALIDADE

No estabelecimento de

ARMINDO SILVA

(ao lado do Senhor da Cruz)

Telef. 82708

BARCELOS

Papas, Rejoada e Lampreia

Todos os Domingos e Quintas-feiras

Restaurante «PÉROLA DA AVENIDA»

Telefone 82419

CAMISAS

CUECAS

CAMISETAS

PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS

(PORTUGAL)

Anúncio publicado em «O Barcelense» em 13-2-1965, no n.º 2804.

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ARREMATACÃO

1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que no dia dezoito de Março próximo pelas dez horas, no Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução de sentença, pendente na primeira secção, promovida por LAURENTINA CAMPOS FIGUEIREDO, viúva, proprietária, da freguesia de Cristelo, desta comarca, contra JOAO JOSE LOPES e mulher ALBINA MARTINS DE CARVALHO, está residente na mesma freguesia e ele ausente em parte incerta do Brasil, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que se indica, o seguinte prédio penhorado àqueles executados: — Casa térrea com terreno de lavradio junto, sito no lugar do Regatinho, freguesia dita de Cristelo, inscrito na matriz urbana sob o artigo duzentos e quarenta e descrito na Conservatória do Registo Predial no livro B cento e cinquenta e quatro, sob o número sessenta mil novecentos e doze, e que entra em praça pela quantia de novecentos e oitenta escudos. As despesas da praça e a sisa respectiva, ficam a cargo do arrematante, que no acto depositará dez por cento do preço da arrematação e as custas devidas pela mesma.

Barcelos, 10 de Fevereiro de 1965.

O Escrivão de Direito, da 1.ª Secção,

Aires Augusto da Silva

VERIFIQUE!

O Juiz de Direito,

António da Costa e Sá

CÉSAR CARDOSO

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 BARCELOS

ALTO-FALANTES

CASA SOUCASAUX

Telefone 82345

Instalações Eléctricas em todos os géneros

Grupos Electro-Bombas BARGELOS

Perdeu-se

Colar de grande estimação, perdeu-se.

Gratifica-se a quem o entregar no Campo de S. José, 29.

FÁBRICA BARCELENSE TÊXTIL JOÃO DUARTE

S. A. R. L.

Peúgas para homem e criança ♦ Soquetes para senhora e criança
Meias para Senhora e criança ♦ Rendas de algodão e seda

Elásticos e passamanarias,

Malhas exteriores, Fiação de lã

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE PEÚGAS DO PAÍS

Representantes em:

PORTO—COIMBRA—LISBOA

TELEFONES: PPC—82214-5 ♦ TELEGRAMAS: «TEXTIL» ♦ APARTADO: 1

BARCELOS
PORTUGAL


Ex.º Sr. João Duarte Veloso
Presidente do Conselho de Administração da
«FÁBRICA BARCELENSE»

Solares, Quintas e Morgados de Lijó

Heráldica e Genealogia

Por ILÍDIO EURICO GOMES RAMOS

QUINTA DO REGO, EM LIJÓ

Vem de eras remotas o vínculo desta quinta. De um pequeno rego ou regato que atravessa as suas antigas propriedades, lhe veio o nome porque é mais conhecida esta quinta em nossos dias.

Fica situada no lugar do mesmo nome, na freguesia de Lijó, deste concelho, junto à estrada municipal que do lugar do Corujo, em Arcozelo, vai dar a S. Salvador do Campo terminando junto à Quinta de Crestes.

Numa das velhas casas que ainda existem no interior da quinta, encontra-se gravada na verga de uma das suas portas, a data—1680, informando-me alguém dessa quinta que naquele local existiu uma capela privativa do solar, a qual foi cabeça deste vínculo do Rego ou dos Carneiros de Lijó.

Num outro edifício que já fica fora do antigo pórtico da quinta, encontra-se gravada a data—1749, vendo-se pela sua arquitectura que é obra posterior à fundação do vínculo. Todos os prédios, que lá existem denotam a sua muita antiguidade nos restos arquitectónicos que ainda possuem, e bem assim, por algumas pedras que se encontram dispersas pela quinta, entre as quais vimos uma coluna, de granito da região de um cruzeiro seiscentista, que nos dizem ter pertencido à antiga capela do solar, e que na altura da nossa visita servia de apoio a uma ramada de videiras, isto é, cremos que foi ali colocada propositadamente para esse fim.—As voltas que algumas peças arquitectónicas levam neste mundo!...

A origem do vínculo da Quinta do Rego ou dos Carneiros de Lijó, vem de fins do século XVI, princípios de XVII. Não podemos precisar o ano exacto da sua instituição. O seu pórtico fronho, ameiado e armoriado, que data dos princípios deste morgadio, faz frente para a estrada e fica voltado ao poente. É o ex-libris da fidalguia de Lijó, erguendo-se sobre o seu dintel, a pedra de armas de seus antigos senhores, que pertenciam às famílias dos apelidos, Carneiros, Homens, Furtados, Mendonças e Barros.

Num escudo fantasista, esquadreado, ostenta no primeiro quartel, em campo vermelho, uma bandeira azul e ouro com três flores de liz do mesmo metal, entre dois carneiros de prata passantes, e armados de ouro; no segundo, em campo franchado de ouro e verde, e sobre o verde uma banda roxa perfilada de ouro, com dois SS de negro; no terceiro, em campo azul, seis crescentes de luas de ouro, postas em duas palas; e no

quarto, em campo vermelho, três bandas de prata, e sobre o campo nove estrelas de ouro. Elmo aberto de perfil, a três quartos, e por timbre o carneiro das armas.

Reportando-nos à aristocracia das famílias que nesta quinta viveram durante séculos, e nela alardearam suas nobilíssimas prosápias, delas sómente nos será possível focar alguns pormenores referentes às suas origens, ascendências e principais figuras que mais as elevaram; E assim dos CARNEIROS—Dizem serem descendentes de Monsieur Joanni Moutan, cavaleiro de grande valor, natural de França, que veio para Portugal na armada dos Gascões no ano de 980, tomar aos Mouros a fortificada e valente praça de armas da cidade do Porto, e algumas terras de Entre-Tâmega e Douro, e como na língua francesa a palavra Moutan quer dizer o mesmo que Carneiro, dele se derivou o apelido de Carneiro que esta família usou.

Deles trata Felgueiras Gayo no seu «Nobiliário de Famílias de Portugal».

Foi solar dos Carneiros, o lugar do mesmo nome que fica situado ao pé da serra do Carneiro, a duas ou três léguas de Amarante, e cuja serra foi povoada por Martim Carneiro. O primeiro que usou deste apelido foi Pedro Carneiro, fidalgo que viveu no tempo do Conde D. Henrique que lhe deu o privilégio de uns casais que tinha na terra de Valadares, e o Senhorio da mesma localidade. Pertencem a este apelido os Condes da Ilha do Príncipe.

HOMENS—Procedem de D. Pedro Rodrigues de Pereira, cujos filhos tomaram o apelido de Homens em razão de ao dito fidalgo lhe chamarem «O Homem» pelos notáveis serviços prestados à pátria e pelos seus brilhantes feitos de guerreiro destemido. Pedro Homem, seu neto, foi um dos Doze Cavaleiros de Inglaterra, que naquele reino defenderam num torneio medieval a honra ofendida de doze damas inglesas, por ofensas que às ditas damas fizeram alguns fidalgos seus compatriotas, e de cujo torneio saíram vencedores os portugueses. Este facto histórico deu-se no reinado de D. João, o de Boa Memória.

Dos senhores deste morgadio, ou com eles aparentados, Diogo Homem Carneiro foi um dos fidalgos de mais esclarecida estirpe. Teve o Senhorio do Morgado de Atães, no antigo termo do Porto, e era casado com D. Maria Pereira de Vasconcelos, a qual se

(Continua na página 8)

D. Albertina Ferreira de Macedo Faria Gayo

FALECEU

Em Braga, na freguesia de S. Victor, no Largo de Santa Tecla, faleceu a veneranda Sr.ª D. Albertina Ferreira de Macedo Faria Gayo, viúva, de 73 anos de idade, mãe extremosa das Sr.ªs D. Alice, D. Maria José, D. Fernanda e D. Armanda Ferreira de Macedo Faria Gayo, e dos nossos respeitáveis amigos Srs. Alberto, Abel e José Ferreira de Macedo Faria Gayo.

O funeral da saudosa extinta realiza-se hoje da sua residência, em Braga, às 10,30 horas, para o cemitério Paroquial de Barcelinhos, onde deve chegar cerca das 11 horas da manhã.

Nascimento

Num quarto particular do Hospital de Barcelos, deu à luz uma menina a ilustre barcelense, Sr.ª Dr.ª D. Maria Angelina Calheiros da Silva Figueiredo, esposa do Sr. Dr. Luís António de Oliveira Ramos, distinto Professor na Faculdade de Letras, da Cidade Invicta.

Aos ilustres pais e avós da netinha «O Barcelense» apresenta os seus cumprimentos de felicitações.

FAZEM ANOS

Para o nosso estimado amigo e Colaborador Sr. Belarmino Coutinho Rodrigues vão os cumprimentos de parabéns pela passagem de mais um aniversário que se efectivou no dia 12 do corrente.

—O nosso prezado assinante, Sr. Justino Martins da Costa comemora no dia 15 do corrente o seu aniversário, pelo que enviamos felicitações.

—Ao Sr. Joaquim António José Pereira enviamos cumprimentos de parabéns por ter completado 60 anos no dia 7 de Fevereiro.

D. Carolina Gomes Ferreira

AGRADECIMENTO

Sua família vem agradecer penhoradamente a todos quantos prestaram gentilezas na doença da sua querida finada, vem como as atenções recebidas aquando do falecimento, pelo que está a todos muito agradecida, pedindo desculpa de alguma falta involuntariamente cometida.

Barcelinhos, 9-2-1965.

A FAMILIA

Evaristo da Silva Varandas

AGRADECIMENTO

Sua família extremamente sensibilizada pelas penhorantes provas de afecto e deferência que recebeu durante a doença e depois no falecimento do saudoso finado, embora já tenha demonstrado por directo carão de agradecimento a testemunhar a sua inelével gratidão, sente o dever de renovar o seu mais expressivo reconhecimento pedindo desculpa de qualquer falta involuntária que haja praticado.

Adães, 13 de Fevereiro de 1965.

OBITUÁRIO

D. Teresa de S. Meireles Guimarães

No dia 28 do mês findo faleceu a Sr.ª D. Teresa de S. Meireles Guimarães, mãe extremosa do Sr. Mário Meireles Guimarães.

O funeral, realizado no dia seguinte da sua residência, à Rua Barjona de Freitas, para o cemitério Municipal, foi bastante concorrido.

D. Carolina Gomes Ferreira

Em Barcelinhos, onde residia, faleceu com 84 anos a Sr.ª Carolina Gomes Ferreira.

O féretro foi a enterrar no cemitério paroquial daquela freguesia, no dia 19 de Janeiro.

A todas as famílias enlutadas, enviamos pésames.

Espelhos e Cristais

Vidro para janelas, automóveis e estabelecimentos

Telhas e tijolos de vidro

Sociedade de Cristais, L.ª

Rua do Almada, 27

Telefs. 25326-21416 PORTO

Forgunete

Mercedes-Benz, a Gasoil, impecável.

Vende: CORREIA & CARDOSO.
Telefone, 82442 — Barcelos

Vende-se Camião

Raio 30 Km.

Com licença feirante.

Informa esta Redacção.

Pinheiros

Vendem-se 190, dos Bens do Paço, em Airó, Barcelos, muitos dos quais de grande tonelagem. Ver condições no local e na Casa Rajá, em Barcelos.

Vende-se

Na QUINTA DO OLIVAL vendem-se três lotes de terreno, um a confrontar com a estrada nacional de Viana e dois junto ao posto da Sacor. Informa:

José António Pereira—S. João de Vila Boa.

A Agência MARTINS—Contribuintes

sita na Rua Infante D. Henrique, 44—Barcelos

Encontra-se ao inteiro dispor dos Ex.ºs Senhores Industriais, Comerciantes, Construtores Cívicos e Proprietários para o cumprimento das obrigações legais, junto das Caixas Sindicais de Previdência, Fundo de Desemprego e de todas as Repartições Públicas, em geral.

Assembleia Geral do Banco Pinto & Sotto Mayor

(Continuação da página 1)

da muita consideração que eu e todos os que nesta Casa trabalham têm pelas altas qualidades de V. Ex.^a, bem claramente patenteadas nas suas actividades de mestre de Direito e de homem público. A V. Ex.^a, Senhor António Champalimaud, apenas a afirmação, nunca demais reptida, de que os progressos do nosso Banco vão buscar as suas raízes ao rumo que V. Ex.^a traçou à acção que vem sendo desenvolvida e que constantemente acompanha.

A V. Ex.^a, Senhores Accionistas, dirijo os meus cumprimentos.

E, em boa verdade, pouco mais deveria acrescentar a estas saudações que em nome do Conselho de Administração lhes dirijo.

Os números do Balanço são, realmente, tão expressivos, traduzem por si sós tão claramente o engrandecimento da Instituição e da sua leitura resulta com tanta evidência a política seguida, que se justapõe perfeitamente às melhores regras de gestão dum banco comercial, que quaisquer comentários tornam-se superfluo, senão mesmo impertinentes pelo tempo que com eles vou ocupar V. Ex.^a.

Entretanto, por me parecer particularmente digno de registro, desejo chamar a vossa atenção para a circunstância de, na expansão que multiplicou por mais de 4 os números de 1960 em relação aos seus homologos de 1964, terem as verbas que se destinaram à consolidação do Banco — reservas, provisões e amortizações — atingido 212.000 contos, quando se aplicaram em dividendos no mesmo prazo apenas 31.200 contos.

No volume dos capitais alheios confiados à nossa guarda e que excedem cinco milhões e meio de contos, na sua cuidadosa aplicação, tendo em vista a segurança e a liquidez, na obtenção dum resultado que embora represente em relação ao investimento (capital próprio, reservas e depósitos) uma percentagem mínima — inferior a 1% — mas que permite contudo satisfazer a orientação de consolidação que acima referi, neste enunciado, em volta destas finalidades, encerra-se a actividade exaustiva de todos os dias, direi de todas as horas, dum milhar de homens que pelas suas qualidades pessoais entusiasmo e dedicação permitem o prosseguimento do caminho traçado e de que não nos afastaremos.

Usou em seguida da palavra o accionista Sr. António Champalimaud, que, depois de dirigir cumprimentos ao Professor Queiró, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Administração e aos Accionistas, produziu as seguintes afirmações:

«Tal como o sistema em que se encontra integrado, apraz-me aqui registar as provas de vitalidade que o Banco revelou durante o ano, com acréscimo de movimento em todas as operações de que normalmente se ocupa.

E porque a maiores Empresas terão de corresponder maiores Bancos, afigura-se-me acertado que o crescimento registado prossiga sem falecimentos, de forma a que a expansão da economia não se encontre tolhida por falta de apoio de uma banca convenientemente dimensionada e estruturada.

Por toda a parte se notam modificações em algumas das práticas bancárias, que depois de se terem mantido imutáveis por longo período vêm-se forçadas a harmonizarem-se com as actividades económicas que fazem viver e de que vivem, tal qual elas agora se apresentam nas suas necessidades e preferências, depois de haverem sofrido profundas alterações.

Desta feita, é impensável o regresso, onde quer que seja, à saudosa ortodoxia que mantinha os bancos comerciais dentro de apertados e relativamente cómodos limites de acção, quanto ao preço do dinheiro que ora recebem, ora emprestam, e, bem assim, quanto à natureza das operações que realizam e ao tempo da sua duração.

Mas, o que de facto importa acima de tudo, é registar o alargamento de possibilidades que os novos métodos de trabalho abriram a toda a gente, ao mesmo tempo que não se reduziu, na verdade, a margem de segurança total de que se dispõe.

Efectivamente, para raios iguais e sendo a lei sempre respeitada, há hoje a introduzir na problemática dois elementos novos, um de grande importância estatística, que é a da maior dimensão dos números agora em jogo nas instituições bancárias, outro de relevância fundamental na obtenção de rendimento que é o domínio que vimos adquirindo dos segredos da produtividade.

Mais adiante:

Ouve-se falar muito na equitativa repartição da riqueza, mas muito pouco se diz sobre a sua criação. Postas assim as coisas não se irá longe; a divisão, qualquer um a faz e depressa, está visto, mas a multiplicação é ainda privilégio de demasiadamente poucos.

E o problema está em que se vê crescer com a necessária rapidez o número destes últimos — a abalancarem-se a criar novas fontes de produção.

Qual dos fervorosos discípulos de

Marx ou de Adam Smith se teria aventurado, depois da guerra, a predir para tão breve o restabelecimento na Rússia das noções de crédito, mercado e lucro?

Mas bastou que houvesse um câmpio, homem de espírito claro e de coragem, como o Prof. Libermann, para impôr na prática o que de há muito já muitos sentiam, como tido por indispensável para a U.R.S.S. poder vencer, em tempo conveniente, as etapas económicas e sociais que a separaram dos E.U.A. e da «Grande Sociedade» que ali se prepara.

Como pressuposto da efectivação desta «Grande Sociedade» e numa nova visão dos problemas não hesitou a administração democrática em recorrer à redução dos impostos, sabendo-se agora como o manejo desta prática pode influir no impulsionamento da actividade económica, o que, aliás, não é para admirar, dado que os capitais nas mãos dos investidores particulares, quando bem orientados e estimulados, representam um motor de muito maior rendimento do que o motor do Estado.

A luta contra a pobreza constitui, em última análise, o objectivo do referido Programa, o qual a combate fundamentalmente através a atenção a dar, prioritariamente, aos problemas da educação, saúde e habitação.

Vistas bem as coisas e para além do problema que nos é imposto no Ultramar, estaremos todos de acordo que, embora enunciadas em termos menos espectaculares, são aqui em Portugal estas mesmas questões que mais preocupam as pessoas responsáveis. Mas, para as podermos resolver na maior escala e no menor espaço de tempo, deve considerar-se que tudo é função do incremento que se saiba dar à riqueza nacional através uma sã política de trabalho, prosseguida sem desvios nos termos que a Constituição lhe assinala.

Dentro do muito que ainda há por fazer nesse sentido, permito-me lembrar as referências aqui produzidas há precisamente um ano acerca da necessidade de maior regionalização do Banco e do interesse do seu estabelecimento no Ultramar; quanto a novas iniciativas, não quero precipitar anúncios que à Administração ficam reservados, mas porque se liga intimamente com matéria que referi e com aquela que o Administrador-Delegado acaba de nos dar conta no seu discurso quando tratou da exportação portuguesa, porque não agirmos no sentido da introdução em Portugal dos «bons de caisses»?

Emitidos entre 3 e 6 anos pelos bancos comerciais, a criação dessa espécie de obrigações poderia apre-

Solares, Quintas e Morgadios de Lijó

(Continuação da página 7)

nhora dele teve geração que veio a suceder nos vínculos da família.

Pedro Homem Carneiro, fidalgo de alta linhagem, que foi um dos últimos Senhores desta Quinta do Rego ou dos Carneiros de Lijó, deixou o vínculo a sua filha, D. Josefa Homem Carneiro Furtado de Mendonça, que me informam a legou por intermédio do Dr. José Joaquim Duarte Paulino do Valle à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos.

E já que falamos do Dr. Paulino do Valle, diremos, que foi médico distinto na nossa antiga vila, Sub-Delegado de Saúde e também médico municipal em Barcelos, vivendo parte da sua vida na Casa dos Machados da Maya, no Largo do Dr. José Novais, edifício onde hoje se encontra instalado o Colégio D. António Barroso. Nasceu na freguesia de S. Salvador do Campo, deste concelho, e faleceu a 4 de Outubro de 1911 com 70 anos de idade, legando ao nosso hospital grande parte dos seus haveres, cuja Mesa Administrativa em reconhecimento às generosas benfeitorias de tão insigne e prestante médico, mandou colocar o seu retrato na galeria dos benfeitores, e deu a uma das enfermarias do nosso hospital o seu nome. O Dr. Paulino era filho de António Duarte Paulino, e de sua esposa, D. Maria Joaquina

do Valle. Foi casado com a Sr.^a D. Elvira Alvarenga do Valle.

Ao que me informam, esta quinta esteve na posse indevida de um sacerdote que habitava numa quinta nobre de Lijó, mas por sentença do tribunal da comarca teve de a entregar à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, sua legítima proprietária por herança. Depois passou para o Sr. José Fernandes Duarte, de Lijó, seu actual donatário, que nela reside com os seus familiares.

Os Senhores do vínculo dos Homens Carneiros, constituíram uma família das mais antigas e das mais nobres tradições, e alta gerarquia de Lijó, sem dúvida alguma pertencente e oriunda da mais preclara, esplendorizada e notável fidalguia portuguesa. Seus nobres antepassados procediam de reis e príncipes, e cujas ascendências não eram excedidas em grandeza e qualidade de sangue azul.

Foram chefes das mais elevadas linhagens, ligaram-se por alianças a outras famílias igualmente ilustres e notabilíssimas, e de seus troncos procediam alguns reis da cristandade, de que não há nem pode carecer de dúvida, como se poderá verificar com a leitura dos principais nobiliários e manuscritos heráldicos e genealógicos da antiguidade nacional.

FINAL

sentar à dupla vantagem de fazer acorrer rapidamente muita poupança para o financiamento de fins altamente reprodutivos da economia portuguesa superiormente designados e restabelecer a pouco e pouco o gosto e confiança do público e dos colocadores de fundos, nesse elemento tão necessário ao restabelecimento do mercado financeiro que é a obrigação.

Com o fim específico de ajuda à exportação que hoje em dia não pode viver em grande escala e em novos sectores, sem um forte e longo apoio financeiro ainda aqui inexistente, afigura-se a ideia vantajosa; até porque ainda não se tendo dado corpo a um Instituto do seguro do crédito à Exportação, assunto de que já também aqui nos ocupámos em devido tempo, verifica-se agora no mundo que nos rodeia certa resistência das companhias de seguros a tomarem novas ou acrescidas responsabilidades no sistema.

Mas se entre nós não se manifestassem dificuldades e o Instituto se viesse a formar nada estaria perdido, não faltando à Administração para onde canalizar os fundos provenientes da emissão dos «bons de caisses». Assunto não falta, mas do tempo

não direi o mesmo e por isso termino agradecendo a V. Ex.^a o terem-me escutado.

Postas à votação as conclusões do Parecer do Conselho Fiscal, foram aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1964, bem como as demais alíneas do referido Parecer.

O Sr. Prof. Queiró, antes de encerrar a Assembleia, agradeceu as palavras amáveis que lhe haviam sido dirigidas, destacando o extraordinário desenvolvimento do Banco e a sua relevante projecção na vida económica do País, dizendo que constituía para ele uma honra, que de ano para ano mais se acrescia, o presidir à Assembleia Geral do Banco.

Esgotados os assuntos da respectiva ordem do dia, o Senhor Professor Queiró declarou encerrada a sessão.

«O Barcelense» ao dar publicidade à sessão da Assembleia Geral do Banco Pinto e Sotto Mayor sente a obrigação de felicitar todos quantos contribuíram para elevação da Instituição, porque do seu progresso resultou necessariamente o incremento do poder de ajuda aos ramos industrial, comercial e agrícola, base do progresso do país.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Capital e Reservas de Esc. 313.000.000\$00

Agência em BARCELOS

Telefone 82318 — Telegramas OTTOS

Sede em LISBOA

Rua do Ouro, 18 a 38 — Rua do Comércio, 134 a 140
Rua de S. Julião, 147 a 153

Filial no PORTO

Praça da Liberdade, 26 a 31

Agências

Águeda — Algés — Almada — Barcelos — Braga — Cascais — Chaves — Coimbra — Fundão — Guimarães — Leiria
Moscavide — Oliveira de Azemeis — Pombal — Portimão — Póvoa de Varzim — Régua — Santo Tirso — Viana do Castelo — Vila Franca de Xira — Vila Nova de Gaia e Viseu

Dependências urbanas de Lisboa

Benfica — Campo de Ourique — Estefânea — Miguel Bombarda — Morais Soares — Praça de Londres — Restauradores
Santa Apolónia — Santa Marta e São Mamede

Dependências urbanas no Porto

Antero de Quental — Campanhã — Infante D. Henrique — Mouzinho de Albuquerque e Palácio do Comércio

Correspondentes nas principais Praças do País e do Estrangeiro

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Descontos — Depósitos à ordem e a prazo — Aberturas de Crédito — Câmbios — Transferências — Títulos — Compra de Cupões

Todos os nossos depositantes estão automática e gratuitamente seguros contra ACIDENTES
PESSOAIS na Companhia de Seguros CONFIANÇA.

Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, L.^{da}

FABRICO DE:

Fios de Algodão Cardados

e Penteados

Fios de Fibras Artificiais

PARA:

Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias.

Retorcedura — Tinturaria — Branqueação



Rua Cândido da Cunha

BARCELOS

TELEFONE 82313

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 21

PORTO — TELEFONE 24526

POSTAL DO RIO

Meu caro Rogério:

O Brasil deve ser, neste momento, a nação mais cosmopolita do Mundo, se exceptuarmos a América do Norte, onde a ONU chama os grandes de toda a parte para aquele admirável jogo da cabra-cega... Porém aqui, sem ONU, nós podemos contactar com indivíduos dos mais variados índices culturais e económicos, oriundos de quase todos os países do planeta.

Quando tenho oportunidade de conversar com muitos deles na formosa língua que tive a dita de aprender em meus anos mais tamaninos, sinto um orgulho enorme de ser português, pois vejo na minha presença indivíduos, alguns bastante cultos, vergados à obrigação da vassalagem à majestade do nosso idioma pátrio, que eles procuram falar o mais perfeitamente possível.

Por causa da excelência desta terra, onde «em se querendo nela dar-se-á tudo», como informou para El-Rei o nosso Pêro Vaz de Caminha, a qual a todos abriga, sem distinção, com a mesma generosidade e a todos dá as mesmas oportunidades, pessoas vindas dos quatro cantos do Mundo conhecem a nossa língua, muitos dos nossos costumes, aprendem maravilhosos pedaços da nossa História, interessam-se até pelo progresso de Portugal. Muitos, na maioria judeus fugidos dos países beligerantes da Segunda Guerra Mundial, tecem os maiores elogios a Portugal pela forma como eles e muitos outros israelitas seus patrióticos foram tratados no nosso País. Esse tratamento que lhes foi concedido na nossa Pátria calou-lhes tanto mais profundamente quanto é certo que Portugal, aonde se acolham, estava muito próximo dos campos de operações, pelo que seria de temer represálias dos comandos hitlerianos.

Estive, ainda não vai há muito tempo, em Petrópolis, com um engenheiro alemão que combateu na frente prussiana comandando um grupo de tanques. Contou-me as vicissitudes por que passou, os ferimentos que recebeu, a fome e a prisão que aguentou. Quando con-

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

que há uma coisa que deve ter-se, sempre, em vista: respeito.

Respeito pelos outros.

E, principalmente, respeito pelos que trabalham, pelas mulheres que trabalham, muito em especial, autênticos valores sociais, que devem estar acima das impertinências, malevolências e vidências de qualquer anormal, que tem um automóvel, mas não tem educação.

Relembro estas palavras, que Fidalgo de Figueiredo escreveu a págs. 298 do volume XV da sua *Revista de História*, acerca do donjuanismo, da actividade donjuanesca dos que imitam o famoso Don Juan:

«Também eu creio que o donjuanismo é, na vida, um elemento forte e criador, e que devemos promover a sua revivência, não o do burlador de Sevilha, mas, muito ao contrário, um donjuanismo espiritualmente em culto do eterno feminino, da sua graça e da sua beleza, de aproveitamento da energia e da inteligência feminina, metade da que possui o género humano. Pode dizer-se que as sociedades valem na medida do respeito que se tributa à mulher e na colaboração da inteligência desta, da sua energia e das suas virtudes. O donjuanismo cristianizado pode ser factor de elevação ética e de enriquecimento social, para contrapor às sociedades do egoísmo viciocêntrico de hoje, outras de equilibrada e justiceira cooperação.

Se o acto praticado contra a referida senhora foi um acto ignóbil e infame, um atreço reles dum indivíduo sem escrúpulos, nem consciência, a atitude da mais digna solidariedade, essa deveria vir dos colegas e, sobretudo, do superior hierárquico, manifestando interesse humano e equilibrada e justiceira cooperação contra as forças do mal, na protecção dos subordinados mais desprotegidos e mais fracos.

São estas as virtudes que caracterizam os verdadeiros chefes naturais.

Falcão Machado

seguir, depois de terminada a Guerra, vir para o Brasil, a sua alegria foi enorme, embora imbuído ainda do medo que só muito paulatinamente o foi abandonando. Disse-me da sua admiração sem limites por Salazar, admiração que não era só dele mas da esmagadora maioria do povo alemão, pois ele havia assistido à chegada a Hamburgo de navios carregados com as preciosidades de alemães que residiam em Portugal e que haviam sido confiscadas. Disse-me ainda que foi Portugal o primeiro País, e não sabia se o único, a tomar tal iniciativa.

Mas voltemos ao assunto deste postal. Vejo e trato quase que diariamente com indivíduos de vários países, mormente polacos, japoneses, sírios, jugoslavos, alemães, gregos, letões, ucranianos, romenos, etc., etc. Todos eles contribuem de forma decisiva para a grandeza deste País, pois todos desenvolvem activamente qualquer ramo de negócio a que se dediquem. Somente os indivíduos de uma nacionalidade — a chinesa — mesmo com vários anos de Brasil, se tornaram de difícil compreensão, pois na ânsia de se fazerem compreender atrapalhavam até os próprios gestos... Foram também os únicos, até ao momento, que mostraram desconhecimento quase completo das coisas do nosso País.

No que respeita a religiões também as há aqui as mais diversas, cristãs e não cristãs, bem como quantidade incontável de agrupamentos crendeiros, sem personalidade de qualquer espécie, os quais existem e se mantêm pelas agradáveis e doces falácias de seus «mestres» e «invocadores de pai de santos» e pela simplória credulidade dos «devotos». Por causa disso existe aqui um mercado excepcional para velas, galinhas pretas, terra benta e para os mais variados artigos de umbanda, destinando-se tudo à prática da macumba, aqui muito generalizada, especialmente entre a raça negra e mulata. Todas as vezes que observo pessoas transportando produtos dessa natureza, o que fazem escancaradamente, sem qualquer receio de sorrisos irónicos, lembro-me do celeberrimo «Enxota Diabos», pontificado pelo bom do Joaquim Faria, hoje em África, e que tanta hilaridade despertou em noites de enchentes para o nosso Círculo Católico.

Quanto às religiões propriamente ditas temos também as católicas de rito oriental, como a católica maronita, por exemplo, que embora se subjugue às directrizes de D. Jaime e Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, mantém o seu rito próprio, inalterável, perfeitamente de acordo com a sua região de origem.

Já tive ocasião de observar cerimónias na Catedral Ortodoxa Síria, dirigidas pelo Arquimandrita, as quais, como não podia deixar de ser, despertaram a minha curiosidade, pela originalidade de que se revestiram, principalmente para quem, ocidental como eu, é completamente leigo no assunto.

Por vezes, nas ruas de mais forte comércio dirigido por orientais os seus directos descendentes, como as Ruas da Alfândega, Senhor dos Passos, Buenos Aires, Regente Feijó e Gonçalves Ledo, mais parece que se anda em Bagdad ou Beirute, por se ver as véntias e cumprimentos pitorescos, algumas inscrições árabes e a presença de sacerdotes orientais de barbicha e de cabeça coberta com o manto exclusivo da dignidade sacerdotal ortodoxa de que estão revestidos.

Os pormenores que te apontei neste já longo postal têm um encerramento para mim fabuloso, único, porque de origem e carácter português: todas estas nacionalidades, raças, línguas, cores, religiões, civilizações, caracteres, formas de pensar, de estudar, de agir, tudo está fantásticamente amalgamado, amassado, espremido e condimentado no enorme caldeirão aqui formado por portugueses e por eles mantido até aos primórdios da independência — e hoje continuado pela sua enorme e forte colónia.

Não existe neste País qualquer laivo de racismo nem ressentimentos ideológicos de qualquer natureza. Tudo aqui, por onde quer que passemos, é bem o autêntico retrato de Portugal.

B. armínio

À DISTÂNCIA...

Nos Anos de «O Barcelense»

Faz anos «O Barcelense». Os amigos deste jornal não podem ficar impassíveis perante esta data jubílica. Por isso, o Autor de «A Distância...», embora cheio de afares, neste dia levanta a sua humilde voz para dizer palavras brevíssimas e sentidas.

Fazer 54 anos constitui uma vitória sobre o tempo. «O Barcelense» bem pode cantar triunfo. Nasceu nesses desgraçados tempos de 1911, em que por toda a parte campeava o ódio, a desordem e o mal-estar. Atravessou épocas sombrias, tempestuosas, venceu, porém, todas as procelas. Portanto, vitória!

O Fundador, Rogério Calás de Carvalho, — que até 10 de Abril de 1964 foi seu dedicado timoneiro, merece no dia de Anos de «O Barcelense», um minuto de silêncio. «Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso e brilhe para ele a luz perpétua.»

— // —

Apesar dos seus 54 anos — bem experimentado na vida — «O Barcelense» tem espírito jovem. Bem dirigido, bem apresentado, com ideias actuais, é o defensor dos seus princípios, dos direitos dos pobres e infelizes, da doutrina contida no Evangelho.

Parabéns ao Sr. Rogério Carvalho, actual Director, pessoa dotada de altas virtudes e de nobres sentimentos.

Parabéns ainda aos Colaboradores de «O Barcelense». E, assim, não posso esquecer os Srs.: Dr. Falcão Machado, Padre Artur, Dr. Manuel Alves do Vale Lima, Mário da Gama, A. Marques de Azevedo, Ildio Eurico Gomes Ramos, Belarmino, Ildefonso...

Dizia-me há cerca de quatro meses um amigo de elevada posição social: «O Barcelense» está bastante bom. Se não retroceder...»

«...Se não retroceder...» Penso que não retrocederá.

Continue, Sr. Director!

Lutemos por um «O Barcelense» cada vez mais formativo e informativo!

Mário

Augusto Dias Pimenta

Festeja amanhã, dia 14, o seu aniversário completando 51 anos de idade, o nosso prezado amigo Sr. Augusto Dias Pimenta, estimado



chefe da secção de composição da Companhia Editora do Minho, importante empresa gráfica da nossa terra.

Os nossos parabéns e que esta data se repita por muitos anos.

Festa de Anos

No dia 19 tem a sua festa natalícia a Sr.ª D. Laurinda Guimarães Pereira, esposa do nosso prezado amigo Sr. Paulo Augusto Pereira, pelo que enviamos sinceras felicitações.

Projecção de Filmes

A Comissão Municipal de Turismo realizou uma sessão de cinema, com projecção de filmes de 3mm, realizados por cineastas amadores. Com tal sessão, quis a Comissão Municipal de Turismo homenagear um barcelense, o nosso estimado amigo Sr. Carlos Basto pelos seus trabalhos cinematográficos que têm merecido o aplauso de críticos internacionais. No próximo número referir-nos-emos mais circunstanciadamente a esta manifestação de cultura na nossa Cidade.

No 54.º Aniversário de «O Barcelense»

(Continuação da página 1)

Um aniversário é quase sempre motivo de júbilo. É uma etapa vencida em que se prepara mais uma longa caminhada, uma altura em que se fazem contas, se equacionam os problemas, se adicionam os factores favoráveis e desfavoráveis, à procura dum resultado. Quase sempre se diz o mesmo, porque esse sonatório é resultante de parcelas justas, de causas nobres. Nós também as possuímos, também poderíamos dizer que a hora é de júbilo, se não estivesse gravada ainda a morte do nosso querido e saudoso Director, Homem bom de Barcelos. (repetimos para os tortos de espírito e de corpo), que viveu para a sua terra e para este Jornal, até ao último momento da sua vida, numa teimosia muito própria, quando dias mais descansados poderia ter usufruído. Ainda a circunstância de o dia 12 de Fevereiro ser a data simultânea dos aniversários do Jornal «O Barcelense» e do seu saudoso Director — Rogério Calás — contribui para que em lugar de festa nós peçamos recolhimento e orações pela alma daquele que deu bases e alicerces ao nosso jornal, tornando-o forte para aguentar as lutas traiçoeiras de muitos e são para não se contaminar com a podridão de muitos.

Dissemos num dos passos deste artigo que não estávamos sós e que tínhamos a razão pelo nosso lado. Sem dúvida alguma que assim é, e que o digam aqueles que têm consciência dos seus actos; aqueles que têm; aqueles que nos aplaudem e encitam para que mantenhamos «O Barcelense» ao serviço das causas nobres que temos defendido; e as contantes adesões que aumentam o número de assinantes, que querem dizer!

Tudo quanto temos conseguido fazer é resultado dum trabalho de equipa, em que tem lugar principal os ilustres Colaboradores de «O Barcelense», alma deste jornal, e que tanto prestígio lhe têm emprestado; dos amigos Anunciantes, sempre prontos a aturar-nos, nunca negando colaboração ao jornal mais antigo e de maior tiragem de Barcelos; do público leitor que nos acarinha com os seus comentários, aderindo ao grande número de assinantes de «O Barcelense»; de Alguém, Alguém mais que simples humano, d'Ele que nos orienta.

A todos, o nosso agradecimento e a certeza de que lutaremos com todas as forças até ao render da guarda ou até sempre.

ROGÉRIO D. C. CARVALHO

Pensamentos de Verdade

— Pensamentos de Alguém

Houve um filósofo pensador a duvidar de tudo e de todos, da existência dos seres criados em contacto consigo mesmo que qualificava de fantasmas, duvidando até da sua própria existência.

Nesta confusão de fantasmas e dúvidas, porque era um pensador em busca da verdade e pretendia criar a sua própria filosofia alheio a tudo e a todos, procurava uma certeza como ponto de partida e base de apoio para o seu sistema filosófico. Daí se lançaria no espaço pardacento da dúvida à procura da verdade que seu espírito sedento ambicionava ver pelos próprios meios da sua razão, sem auscultar o pensamento dos outros que para ele não passavam de míseros fantasmas a rodeá-lo.

Nem lhe servindo de base a sua própria existência porque dela também duvidava, foi encontrar esse desejado ponto de apoio do raciocínio na certeza do seu pensamento, única coisa de que não pôde duvidar. Estabeleceu a seguinte sentença como premissa dum primeiro silogismo donde faria a arrancada para o diáfano mundo da verdade: «Penso, portanto existo».

Esta expressão ficou a correr mundo com foros de adágio popular e filosófico. Da certeza do seu pensamento saltou, por conclusão silogística, para a certeza da sua pró-

pria existência. Daí seguiu, deslizando-se de seus favoritos fantasmas na conquista da verdade, criando um sistema de filosofia que, apesar de salpicado de erros, é de inegável mérito para esse destacado filósofo que se chamou Descartes.

O procedimento deste pensador põe em relevo a importância do pensamento na laboração das nossas faculdades mentais, especialmente da inteligência que Deus nos deu como estrela de luz a guiar nossos passos no caminho da verdade. Esta, depois de encontrada e possuída, faz a felicidade da mesma inteligência, para a verdade criada.

A inteligência a discurrir, no exercício do seu trabalho de raciocínio, por exemplo na apreciação da verdade à passagem da vida, chama-se razão.

A razão é a inteligência em discurso, em laboração para atingir a verdade numa febril ansiedade, como a abelha solícita que, ao perto e ao longe, recolhe o néctar da flor que transforma no delicioso mel da colmeia, fim primário da sua precária existência.

A inteligência, discurrindo pela razão, busca essa verdade em tudo e sempre, impelida por uma força inata e misteriosa, mesmo nas coisas e factos mais comensais da vida, que, afinal, todos são grandes e

(Continua na página 8)

São de óptima qualidade as conservas de sardinha devolvidas da Alemanha como impróprias para consumo

Noticiaram os jornais — e nós próprios também, aqui há meses — que, por determinação do Grémio Português de Conservas de Peixe tinha vindo reexpediada para o nosso País uma muito importante partida de conservas de sardinha que, na Alemanha, fora considerada imprópria para consumo, visto ter sido preparada com azeite de deficiente qualidade, ou mesmo com um produto similar de mau fabrico. Disto resultava evidentemente uma má propaganda daquele nosso produto, com todo um cortejo de péssimas consequências, sem se esquecer os incontáveis prejuízos, figurando em primeiro lugar a perda dos mercados onde desde sempre aquele produto marcou posição destacada.

Fomos agora surpreendidos com uma notícia verdadeiramente impressionante. Um importante conserveiro de Matosinhos — que, verdade se diga, nunca encontramos grandemente impressionado com o facto de lhe ser devolvida a sua mercadoria, pois nos afirmou sempre estar certo e seguro dos primores de seu fabrico — afirmou-nos que as suas 80 466 latas de sardinha devolvidas (sem pele nem espinha), acabam de ser consideradas oficialmente do melhor fabrico e consequentemente perfeitamente comestíveis, mediante análise a que procedeu a Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais. Como nasceu a atoarda e por

quem seria propalada semelhante barbaridade do seu mau estado e também talvez putrefacção? Quel foi a autoridade germânica ou organismo oficial que tomou a responsabilidade por todas as consequências resultantes da devolução do artigo assim etiquetado de «impróprio para consumo», o que se verifica não corresponder à verdade? Não teria havido uma certa precipitação nessa devolução?

Então não foi o próprio organismo português que, antes do seu embarque, verificou a boa qualidade do artigo? A sua aprovação não respondia perfeitamente por isso? Os seus laboratórios não têm a idoneidade precisa para assumir toda a responsabilidade pelas suas afirmações de boa ou má qualidade dos produtos que por eles são analisados?

Seja como for, a nós parece-nos que houve precipitação, fosse de quem fosse, em julgar sem delicto, sem provas, sem testemunho de alguém, não se olhando para as tristes consequências derivantes de semelhante atitude, que ainda não sabemos quais os gravíssimos prejuízos a que deram ou irão dar lugar.

Afinal, o azeite, óleo ou o que quer que acompanha as conservas, é ou não impróprio para consumo? Pelos vistos, tudo é de óptima qualidade.

«Diário de Lisboa de 10-2-65, página 8».